



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE PSICOLOGIA

**JOSÉ NICOLAU GONÇALVES FAHD**

**O HUMOR COMO ELEMENTO CATALISADOR NA CLÍNICA PSICOLÓGICA**

São Luís  
2019

**JOSÉ NICOLAU GONÇALVES FAHD**

**O HUMOR COMO ELEMENTO CATALISADOR NA CLÍNICA PSICOLÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Marcio José de Araújo Costa

São Luís

2019

Fahd, José Nicolau Gonçalves.

O humor como elemento catalisador na clínica psicológica / José Nicolau Gonçalves Fahd. - 2019.

59 f.

Orientador(a): Marcio José de Araújo Costa.

Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2019.

1. Autoridade. 2. Clínica. 3. Desidealização. 4. Humor. 5. Riso. I. Costa, Marcio José de Araújo. II. Título.

**JOSÉ NICOLAU GONÇALVES FAHD**

**O HUMOR COMO ELEMENTO CATALISADOR NA CLÍNICA PSICOLÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Marcio José de Araújo Costa

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcio José de Araújo Costa  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
(Orientador)

---

Prof. Doutor Carlos Antônio Cardoso Filho  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Doutor Jadir Machado Lessa  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Cristianne Almeida Carvalho  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)  
(Suplente)

## AGRADECIMENTOS

### Um muito obrigado:

À minha esposa Edna, que me incentivou amorosamente nos momentos em que a escrita emperrava.

À minha filha Luíza, pelas belas contribuições poéticas e linguísticas no presente trabalho.

Ao meu amigo Marcio Sá, por todos esses 30 anos de amizade e cooperação, presente, inclusive, nas dificuldades de elaboração deste texto.

Ao meu amigo Ray Anderson, parceiro que dividiu comigo momentos de humor e criação no curso desse trabalho.

Ao meu professor Marcio Costa, que me orientou ética e esteticamente na produção do presente trabalho e me proporcionou bons encontros com a leitura e com a escrita.

À minha mãe Ednar Fahd, *in memoriam*, que fatalmente estaria comemorando comigo essa vitória.

“Se me apetece rir de um louco, não preciso de ir procurar muito longe; rio de mim mesmo”.

**(Sêneca)**

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar de que modo a compreensão do humor, como elemento catalisador na clínica psicológica, pode contribuir para que o psicólogo aprimore sua escuta e empatia nos atendimentos com os clientes, favorecendo, dessa forma, a condução ética do processo terapêutico. A relevância do tema se dá pelo impacto social significado na comunidade acadêmica, uma vez que se trata de assunto pouco explorado e que desperta curiosidade. A presente pesquisa se deu no campo teórico, ou seja, envolveu revisão bibliográfica em livros, artigos e revistas. Os objetivos específicos da pesquisa foram atendidos: foi possível verificar o humor como regulador social; demonstrou-se que o humor e o riso podem funcionar como destituído de autoridades; e certificou-se de que modo as pessoas atendidas na clínica psicológica se apropriaram da compreensão do humor para dirigir seus processos de subjetivação. Rir de si mesmo, reconhecendo fragilidades, sem rebaixar a potência de existir, constitui sinal de saúde.

**Palavras-chave:** Humor. Riso. Autoridade. Desidealização. Clínica.

## **ABSTRACT**

The purpose of the current essay is to present in which way the humor comprehension, as a catalyst element in psychological clinic, can contribute to the enhancement of the psychologist's hearing and empathy in their client's treatment, supporting, thus, the ethical conduction of therapeutical process. The relevance of such theme is due to the social impact signified at the academic community, once it's a matter of few exploration and awakens curiosity. The current research was made at the thorical field, in other words, involved bibliographic reviews in books, articles and magazines. The specific purposes of this research were accomplished: it was possible to verify humor as a social regulator; it was shown that humor and laugh can function as an authority destitution; and it was certified in which way people who were attended at the psychologic clinic would appropriate the humor comprehension to direct their subjectivation process. Laughing at yourself, recognizing fragilities, without demoting the being potency, constitutes a signal of health.

**Keywords:** Humor. Laugh. Authority. Unidealization. Clinic.



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	O QUE PODE UM RISO? O RISO COMO REGULADOR SOCIAL.....	14
3	O PODER DO HUMOR: O RISO COMO DESTITUIDOR DE AUTORIDADES.....	24
4	CLÍNICA E HUMOR: RIR DE SI MESMO.....	38
4.1	O caso clínico.....	49
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
	REFERÊNCIAS.....	58

## 1 INTRODUÇÃO

Todo trabalho de conclusão de curso deve ser socialmente significativo, procurando contribuir, de algum modo, para a compreensão do mundo em que vivemos. No curso de Psicologia, que trata eminentemente de questões relacionadas aos processos de subjetivação, é supostamente elevada a esperança de que trabalhos desta natureza possam, de fato, trazer algum resultado expressivo para academia.

Produzir um trabalho com características inéditas no fim de uma graduação é tarefa difícil, mesmo porque não é bem isso que se exige do discente. Mas ousar propor um tema que não é comum ser tratado na instituição de ensino a que se é vinculado, e também que provoca alguma curiosidade nas pessoas quando dele se menciona, cria-se uma expectativa no autor de que o seu trabalho trará contribuições singulares ao meio acadêmico. Das categorias de produção do riso, ou seja, do cômico dos chistes e, sobretudo, do humor, e suas implicações na clínica psicológica e na vida individual e social como um todo, é de que trata esta pesquisa.

Entende-se que a proposta deste trabalho é pertinente, à medida que o humor e as outras categorias de produção do riso são eminentemente humanas, e que devem ser estudadas e compreendidas no âmbito da clínica psicológica. Suas várias manifestações e nuances, como um simples sorriso acolhedor – tão propício em determinadas situações –, ou o riso irônico e sarcástico – em regra, inconveniente –, são situações vividas por todas as pessoas em seu dia a dia. Nota-se, também, a pertinência do tema do presente trabalho porque algumas questões relacionadas ao cômico, ao chiste, ao humor e ao riso, que serão apresentadas, podem ser instigantes às pessoas que são atendidas na clínica psicológica do Núcleo de Psicologia Aplicada (NPA) da UFMA, bem como aos psicólogos, aos professores do departamento de psicologia e à comunidade em geral.

Algumas questões abordadas acerca do humor e do riso são interessantes. Por que rimos quando alguém escorrega e cai, ainda que se machuque? Por que algumas pessoas riem em situações que comumente não se ri? Em que medida o drama e a comédia se aproximam? Como o riso pode ser um regulador social? Como o riso pode desconstituir autoridades? Como o riso pode ser um sinal de saúde? Como o riso pode proporcionar um bom encontro afetivo, gerando

aumento da potência do ser? São algumas questões que podem causar algum tipo de interesse a profissionais de psicologia.

O interesse pessoal do autor no tema se deu no âmbito do seu processo de subjetivação. Desde pequeno já gostava de reproduzir anedotas sem, às vezes, nem entender o conteúdo chistoso próprio delas, mas sentindo que algo prazeroso se produzia naquelas elaborações. Depois, já adulto, pode refinar espontaneamente suas tiradas espirituosas e aumentar meu acervo de piadas, com às quais obtinha relativo sucesso ao recontá-las.

No penúltimo semestre do curso de psicologia, pensou-se que se poderia estudar o tema do riso e do humor de forma acadêmica com a finalidade de produzir o trabalho de conclusão de curso. A experiência clínica, obtida no estágio obrigatório em três semestres, também permitiu fazer conexões com o humor e impulsionar a obter conhecimentos acerca da matéria, a fim de poder fazer alguma intervenção clínica nesse sentido, ou pelo menos ficar atento aos modos humorísticos dos pacientes com fins terapêuticos.

O tema do presente trabalho – *O humor como catalisador na clínica psicológica* – se deu na elaboração do projeto de TCC, onde se fazia ainda pouca ideia de onde se poderia chegar com as investigações. Ocorre que, antes mesmo de finalizada a pesquisa, percebeu-se que o título estava adequado, pois era sobre a categoria do humor que se desejava dar destaque. Partiu-se, pois, da seguinte problematização: de que modo a compreensão do humor como elemento catalisador na clínica psicológica pode contribuir para que o psicólogo aprimore sua escuta e empatia nos atendimentos com os pacientes e, assim, conduza de maneira ética o processo terapêutico? De que maneira os clientes se apropriariam desse entendimento para dirigirem seus próprios processos de subjetivação?

Para responder a esses questionamentos, elaborou-se o objetivo geral do trabalho, bem como três objetivos específicos. Como objetivo geral, propõe-se apresentar de que modo a compreensão do humor, como elemento catalisador na clínica psicológica, pode contribuir para que o psicólogo aprimore sua escuta e empatia nos atendimentos com os clientes, favorecendo, dessa forma, a condução ética do processo terapêutico. Como objetivos específicos, elegeu-se, em primeiro lugar, explicar sobre a caracterização do cômico em geral, explicitando como o riso pode ser um regulador social; em seguida, analisar como o humor e o riso podem funcionar como destituidores de autoridades; e, por fim, demonstrar de que modo as

peças atendidas na clínica psicológica se apropriariam da compreensão do humor, como elemento catalisador da clínica psicológica, para dirigirem seus próprios processos de subjetivação. Cada um dos três objetivos específicos deu origem a um capítulo deste Trabalho de conclusão de curso.

O capítulo um – *O que pode um riso: o riso como regulador social* – é baseado sobremaneira na obra *O Riso: ensaio sobre o significado do cômico*, de Henry Bergson. Neste capítulo foi trabalhado o conceito de cômico, segundo o filósofo francês. Esclarece-se, de pronto, que só há cômico naquilo que é humano, ainda que se ache graça em animais e coisas. Indiferença e inteligência pura são dois conceitos complementares trabalhados, fundamentais à compreensão do cômico. Só se ri de algo que, momentaneamente, mantemos distância afetiva. Nessa parte do texto, se faz associação com Freud de forma breve, para depois retomar as ideias do pai da psicanálise nos capítulos seguintes. Outro elemento próprio do cômico é a rigidez mecânica, que também pode ser psicológica. Exemplifica-se com o exemplo da pessoa que cai, pois perdeu momentaneamente sua maleabilidade, ou mesmo aquelas pessoas que “tropeçam” em suas realidades. O mecânico se sobrepõe ao vital. Isso caracteriza o cômico segundo Bergson. Um ponto importante e que dá nome ao capítulo é o caráter regulador do riso. Todo aquele que, momentaneamente, se torna rígido, será punido socialmente com o riso. A rigidez é o cômico e o riso é a correção, diz Bergson. Daí depreende-se o riso, provocado pelo cômico, com uma sutil arma de repressão. A deformidade física é apontada como uma espécie de rigidez, sendo o riso considerado, nesse caso, como um regulador sem eficácia, tornando-se apenas um riso da sátira, que só funciona para diminuir a pessoa.

O capítulo 2 – *O poder do humor: o riso como destituído de autoridades* – trata do tema da destituição e desmoralização de autoridades. Como recursos para trabalhar esse capítulo, se faz uso da psicanálise freudiana, da filosofia, da poesia e de algumas anedotas, esses dois últimos utilizados para exemplificar ideias. Mais uma vez, se fez distinção entre as categorias de produção de riso baseadas em Freud. Faz-se uma relação de oposição entre humor/ética e autoridade/moral, onde o primeiro par destitui, liberta, diferencia; e o segundo castra, aprisiona e repete. Comenta-se ainda sobre o período de exceção no país e como o humor teve decisiva participação no movimento de resistência. Trata-se, ainda nesse capítulo, sobre como duvidar das autoridades internas presentes em nós, não as levando tão a sério, que pode ser um sinal de saúde psíquica. Desmoralizá-las para que o processo de

subjetivação se dê da forma mais ética possível, sem subordinar-se a nenhum modelo. A ironia também compareceu na pesquisa. Serão explicadas algumas noções da ironia, tanto em sentido kierkegaardiano como por meio de Deleuze. Se para o primeiro a ironia é dual, varia entre o sério e o jocoso, entre o real e o ideal, para o segundo, a ironia tem sentido único, o das alturas, fazendo daquele que faz uso dela de forma exagerada um ser autoritário. Deleuze defende que o humor é um lugar possível para sabedoria, ou seja, de um saber sobre a vida, pois, ao contrário da ironia, tem suas bases na superfície e seu deslizamento horizontal, seu sentido de imanência. Nos exemplos fornecidos ao longo do capítulo utilizando-se de piadas e poemas, procurar-se-á denunciar as formas de autoridades instituídas, utilizando-se do humor para destituí-las. Entre as destituídas pelo humor estão as autoridades maternas, conjugais, familiares, políticas, semânticas, policiais, militares, médicas, religiosas, divinas e satânicas.

O terceiro capítulo – *Clínica e humor: rir de si mesmo* – trata basicamente das contribuições do riso e do humor na clínica psicanalítica e de como os processos de desidealização e o rir de si mesmo pode ser terapeuticamente possível. Uma teorização breve acerca dos processos sublimatórios será encontrada na pesquisa que privilegia uma ideia de não oposição ao erotismo. Para que se possa privilegiar nesse capítulo o humor, de forma evidente, como dom raro, como diz Freud, novamente será necessária uma distinção entre as categorias de produção do riso, o cômico, o chiste e o humor, que será feita por várias formas e pontos de vista distintos. A ética e a estética do humor serão estudadas como contribuições do superego ao ego desinvestido. Nesse processo, são promovidas mudanças criativas no ego, que visam a desidealização e a desidentificação. O humor visa transformar dor, tristeza, ressentimento, ranço etc., em prazer. Será colocado ainda como o humor promove lutos para fazer renascer formas criativas de lidar com as incertezas da vida e de estar no mundo. Encontrar-se-á no presente trabalho, poemas que ilustram essa condição finita e incerta da existência humana, sem, no entanto, encarar a vida como um fardo. Também será exposto como a clínica psicanalítica é possível sem a tradicional sisudez que marca sua atividade. Uma atitude benevolente é fundamental nesse percurso. Uma capacidade maior de acolhimento é possível nesse contexto. Mas isso não quer dizer que o *setting* terapêutico será transformado em um palco *stand up*. No fim deste capítulo apresentar-se-á um caso clínico que acompanhamos no Estágio

obrigatório em clínica na abordagem Esquizoanálise, no qual compareceram algumas manifestações de humor.

A presente pesquisa foi do tipo teórica, e, portanto, não envolveu coleta de dados e pesquisa de campo, nem tampouco amostras, pois dispensa uma interferência imediata no plano da experimentação científica, apesar de não estar dissociado desse plano – porém muito mais ligada a uma experimentação clínica e com a vida, do qual cada um de nós possui uma relação imediata. A pesquisa teórica não implica intervenção direta na realidade, embora tenha papel decisivo nesse processo de mudança, à medida que a produção teórica constitui embasamento para a produção empírica e de orientação nas condutas práticas de um psicólogo, no qual sua ética, que não se confunde com uma moral particular, implica uma constante problematização de suas práticas e saberes. A forma básica da pesquisa teórica é a revisão bibliográfica e a problematização conceitual. Ocorreu, basicamente, a partir de consulta de livros, revistas especializadas, artigos, sites da *internet* e demais publicações.

## 2 O QUE PODE UM RISO? O RISO COMO REGULADOR SOCIAL

O filósofo francês Henri Bergson, em sua obra “O RISO: ensaio sobre o significado do cômico”, descreve as causas do riso e expõe o seu significado. O que faz rir? Por que rimos de tombos de pessoas? Por que rimos de animais e coisas, se só existe comicidade no ser humano? Como o riso funciona como regulador social?

Ao longo dessa obra, o referido filósofo vai investigando e respondendo estes e muitos outros questionamentos, sempre com o olhar rigorosamente crítico em suas assertivas. Logo nas primeiras páginas do texto, o autor já se pronuncia ativamente: “eis o primeiro ponto sobre o qual chamamos a atenção. Não há cômico fora do que é propriamente humano” (BERGSON, 1900/2018).

Esclarece-se com esse fragmento que, embora consiga-se rir de um animal ou uma coisa, o riso está vinculado ao ser humano. Os animais ou as coisas risíveis só assim são porque se parecem, de algum modo, com o ser humano.

Imagine-se um cachorro vestido como se fosse um operário da construção civil: macacão jeans, camiseta, botas, boné e óculos de proteção. Conceba-se ainda que o referido animalzinho doméstico esteja com uma das patas sobre uma desempenadeira, como se estivesse arrematando algum trabalho de alvenaria.

O resultado dessas elucubrações seria cômico, e fatalmente, poderia causar riso. Não porque o cachorro inspirasse alguma coisa engraçada de sua natureza, mas porque, em tudo, o cachorro lembra a imagem humana. E se, adicionalmente fosse colocado uma placa indicativa dessa imagem com o texto “Isso só pode ser obra do cão”, o riso seria certo, pois além do animal lembrar o humano, ainda se teria um trocadilho ardiloso fazendo-se referência ao grande inimigo do cristianismo.

Pense-se também em um despertador, desses bem tradicionais, visto pela parte traseira. Notar-se-iam nele: dois furos, na mesma linha, para que se pudesse dar corda no relógio, os quais representariam olhos; um botão para acertar a hora posicionado logo abaixo e no centro dos dois furos, se parecendo assim com um nariz; e um outro que aumentasse ou diminuísse o volume do despertador, simbolizando uma boca.

Da mesma forma que o animal, a imagem de um objeto pode gerar alguma comicidade, desde que se assemelhe, de algum modo, a figura humana. Logo, o

cômico é próprio do humano, ainda que se veja comichões em animais e objetos. Destaque-se que:

Muitos definiram o homem como um “animal que sabe rir”. Poderíamos igualmente tê-lo definido como um animal que sabe fazer rir, pois se algum outro animal ou qualquer objeto inanimado chegam a tanto é por semelhança com o homem, pela marca que o homem neles imprime ou pelo uso que deles o homem faz (BERGSON, 1900/2018, p.38)

Nos exemplos, do cachorro e do relógio despertador, o homem teve participação decisiva para a elaboração cômica, que provoca riso, seja de forma consciente, como no primeiro caso, onde o animal é propositalmente vestido para gerar uma imagem risível, seja inconsciente, quando após a observação cuidadosa do objeto nota-se: “nossa, não é que parece um rosto humano?”

Em outra passagem, Bergson faz três observações sobre o riso, que se sintetizam no fragmento abaixo: [...] “O cômico nascerá, aparentemente, quando os homens, reunidos em grupo, voltarem toda a sua atenção sobre um dentre eles, calando sua sensibilidade e exercendo apenas a sua inteligência” (BERGSON, 1900/2018, p.38).

Essa inteligência, inteligência pura como diz Bergson, significa ausência de emoção, compaixão ou outro sentimento de comisseração em relação ao outro. O risível pressupõe esse estado de indiferença. Daí se explica porque se ri de alguém que tomba e cai. Não era esperado por ninguém – a exceção do chão, óbvio – que uma pessoa, andando de forma harmônica e impávida, fosse desastrosamente mudar de súbito sua performance e se estatelar no solo.

O mínimo interstício de tempo entre o tombo e a captura escópica dessa imagem parece ser insuficiente para que a maioria das pessoas se sinta enternecida e, ao invés de rir inopinadamente, vá acudir solidária e empaticamente alguém que teve um mau jeito momentâneo na forma de se portar no mundo. Não. Normalmente ri-se do episódio. Talvez isso funcionasse para os domesticadamente cristãos, que, valendo-se da moral, tivessem o pudor em detrimento do cômico

Entende-se, pois, que o fator temporal é imprescindível para a manutenção da inteligência pura dita por Bergson, pois se houvesse mais tempo para a pessoa elaborar, resgatar seus sentimentos de piedade e compaixão, o riso nessas situações não seria possível. A piada abaixo ilustra o que se quer dizer:



A esposa, vendo a mãe idosa esborrachada no chão, grita o marido que está na sala entretido com o futebol:

- Mamãe caiu na área!

O marido responde:

- Então é pênalti!

Nessa anedota não há necessariamente riso, mas a indiferença, elemento indispensável da cena cômica e formadora da inteligência pura, que está presente e potencializa o riso do leitor ao imaginar a cena pitoresca.

Outra piada, contemplando os portugueses, símbolo brasileiro de estultices exacerbadas, parece ir ao extremo no caráter insensível do cômico:

O português vinha caminhando retilineamente quando, distraído, pisou numa casca de banana e caiu, sem ter chance de se equilibrar e continuar ereto. Levantou-se, limpou-se e continuou seu caminho. Depois de mais de uma centena de passos, de longe, avistou outra casca de banana. Ciente do que iria encontrar pela frente, se maldiz:

- Oh, raios! Lá vai eu cair de novo!

A despeito do nonsense, aqui é preciso muita insensibilidade e inteligência pura para rir desse duplo desconcerto. O que faria o português cair novamente, se já conhecia a causa do primeiro tombo? Talvez Bergson respondeu essa questão:

Parte do nosso prazer vem disso. Sendo assim, também aqui é uma espécie de automatismo que nos faz rir. É um automatismo bastante próximo da simples diversão. Para se convencer disso, basta observar que, em geral, uma personagem é cômica na medida mesma em que não se reconhece como tal. **O cômico é inconsciente** (BERGSON, 1900/2018, p.43, grifo nosso).

Por falar em inconsciente, aqui, de forma precária e prematura, pode-se associar os conceitos freudianos de chiste como elemento formador do inconsciente, propostos por Freud, à inteligência pura e à indiferença proposta por Bergson. Questão que reforçaria a explicação de porque se ri em situações nas quais não é socialmente adequado o comportamento risível. Como elemento formador de inconsciente, o chiste, suspenderia as exigências de controle do superego e assim, o riso seria possível, se obtendo o mesmo efeito de quando a inteligência pura age.

Freud menciona em sua obra *O chiste e sua relação com o inconsciente* algo bem parecido com o que Bergson trata em o riso no que tange a inteligência pura:

A prontidão para rir de um excelente chiste obsceno pode não se estabelecer se o desnudamento visa uma pessoa próxima e muito estimada pela terceira

peessoa; numa assembleia de padres e pastores ninguém ousaria mencionar a comparação feita por Heine entre os ministros católicos e protestantes e os pequenos comerciantes e vendedores de uma pequena loja; e numa reunião de alguns amigos do meu adversário, as mais chistosas invectivas que eu dirigisse contra ele não seriam recebidas como chistes, mas como ataques, e não despertariam prazer, mas raiva entre os ouvintes. Algum grau de inclinação, uma certa **indiferença, a ausência de elementos que possam despertar sentimentos contrários à tendência do chiste**, é uma condição indispensável para que a terceira pessoa colabore na conclusão do processo do chiste (FREUD, 1905/ 2017, p. 206-207, grifo nosso).

Assim, em princípio não se pode ter qualquer sentimento de compaixão ou piedade para a ocorrência de uma situação cômica; também não deveria haver proximidade ou estima entre a pessoa da qual se faz o chiste – objeto deste – e a pessoa para quem se conta o chiste. Nos dois casos, tanto para a situação cômica, quanto para o movimento chistoso, a indiferença deve estar presente entre os envolvidos.

Aqui cabe esclarecimentos da diferença entre cômico e o chiste. Os dois terão como resultante o riso. A diferença básica está nas pessoas envolvidas no processo. No curso do episódio cômico, existe apenas duas pessoas necessárias (pode até haver uma terceira, mas prescinde): aquela sobre a qual o cômico se apresenta e a que assim vê o objeto como cômico.

Nos processos chistosos, além da pessoa sobre a qual o chiste se refere e o que apresenta o chiste, existe uma terceira pessoa fundamental: aquela para quem se conta o chiste. Freud esclarece:

Se o chiste é feito a serviço de tendências desnudantes ou hostis, ele pode ser descrito como processo psíquico envolvendo três pessoas - que são as mesmas do cômico, mas com um papel distinto para a terceira pessoa: o processo psíquico do chiste se completa entre a primeira pessoa, o eu e a terceira, a pessoa estranha; e não como no cômico, entre o eu e a pessoa-objeto (FREUD, 1905/ 2017, p. 205).

Feitas essas associações preliminares entre Bergson e Freud acerca da indiferença que deve pautar as relações cômicas e chistosas, e, esclarecidos alguns pontos necessários à compreensão do cômico e do chiste, damos sequência às outras considerações propostas no presente trabalho, com supedâneo na obra bergsoniana.

Seguindo as características do riso, temos que a rigidez é outro elemento fundamental que o caracteriza. Isso produz um mal jeito na pessoa quando ela muda bruscamente de atitude contra sua vontade, acidentalmente, como, por exemplo, numa queda. A pessoa vem andando, tropeça e cai:

Não riríamos dela, acredito, se supuséssemos que ela teve a súbita fantasia de se sentar no chão. Rimos porque ela se sentou involuntariamente. Não é, portanto, a brusca mudança de atitude que faz rir, é o que há de involuntário na mudança, é sua falta de jeito (BERGSON, 1900/2018, p.40).

A rigidez debatida por Bergson é mecânica e pressupõe uma sobreposição do mecânico sobre o vital. Logo, toda vez que o mecânico sobrepõe o vital, necessariamente, a comicidade se dá e o riso aparece. “Tal inflexão da vida na direção do mecânico é, neste caso, a verdadeira causa do riso” (BERGSON, 1900/2018, p.51).

Outro exemplo dado pelo autor é sobre alguém que tem hábitos diários rigorosamente sistematizados e que sofre com a ação externa de alguém que, propositalmente, quer lhe tirar do prumo:

Ocorre, no entanto, que os objetos ao seu redor foram trocados de lugar por um gozador. A pessoa mergulha a pena no tinteiro e retira lama, crê sentar-se numa cadeira firme e se estatela no chão, age, enfim, de modo absurdo ou gira em falso, sempre pelo efeito de uma velocidade adquirida. O hábito imprimiu impulso quando teria sido necessário parar o movimento ou dar-lhe uma nova direção. Mas não, continua-se maquinalmente em linha reta. A vítima desta farsa, portanto, em uma situação análoga àquela do homem que corre e cai. (BERGSON, 1900/2018, p.40-41).

Nos dois exemplos, o que está em jogo é a presença de uma rigidez mecânica que impossibilita a pessoa de agir com graça ou pelo menos de acordo com o que se espera dela naquele instante, ou seja, que aja com agilidade e vitalidade. “Entre os dois casos a única diferença é que um se produziu por si mesmo, enquanto o segundo foi obtido artificialmente. Lá o passante nada mais fez que observar; aqui o gozador experimenta” (BERGSON, 1900/2018, p.41).

Bergson faz uma bela comparação, poética, a nosso ver, entre a distração corporal, tipicamente risível, como já demonstrado, e os distraídos de alma, por assim dizer, aqueles que vivem sonhando, românticos que vivem fora da realidade, utopicamente movidos por ideais inalcançáveis, como Dom Quixote, de Cervantes.

Estes também possuem o condão de fazer rir, por sua rigidez mecânica de ideias, tal qual as vítimas da queda e do gozador. “Também eles, que correm atrás do ideal, **tropeçam nas realidades**, sonhadores cândidos que a vida maliciosamente espregueira, são corredores que caem e ingênuos que enganamos” (BERGSON, 1900/2018, p.42, grifo nosso).

O autor dá ainda o exemplo da imitação como um comportamento risível, à medida que revela um momento em que a pessoa imitada se quedou à rigidez mecânica, ao automatismo momentâneo, em detrimento de sua vitalidade. Como nossos estados anímicos mudam a toda hora, difícil de repeti-los. “É que a vida bem viva não deve se repetir (BERGSON, 1900/2018, p. 50)”. Quando isso acontece, ou seja, quando somos repetitivos, permitimos que nos imitem naquilo que, mecanicamente, se repete em nós. Bergson esclarece:

Isso significa que nossos gestos só podem ser imitados naquilo que eles têm de mecanicamente uniformes e, nesse sentido, estranho a nossa personalidade viva. Imitar alguém é extrair a parte de automatismo que ele deixou introduzir em sua pessoa. É assim, por definição, torná-lo cômico (BERGSON, 1900/2018, p.50).

Uma cena de cinema, protagonizada por Charles Chaplin em “Tempos Modernos” tornou-se popularizada e demonstra esse automatismo, essa rigidez mecânica, próprios do cômico. Carlitos, após longa, estafante e repetitiva rotina de um dia de trabalho em uma fábrica, sai do ambiente laboral como se ainda estivesse apertando porcas e parafusos no ar. O exagero performático do ator cômico materializou as ideias do filósofo francês.

A tese central de Bergson sobre o cômico e o riso, portanto, é a sobreposição do mecânico sobre o vital, do estático sobre o dinâmico, da rigidez sobre a elasticidade, da inflexibilidade sobre a maleabilidade, do automatismo sobre a criatividade, do grotesco sobre o gracioso, etc.

Arremata-se essa questão central com uma citação do autor na qual se pode fazer uma rápida associação teórica com a prática, com a atividade desenvolvida pelos comediantes, na qual a vida imita a comédia:

Pelo que talvez a arte do comediante seja a de nos apresentar uma articulação visivelmente mecânica dos acontecimentos humanos, conservando deles um aspecto exterior de verossimilhança, quer dizer, a flexibilidade aparente da vida (BERGSON, 1900/2018, p.52).

Outro ponto importante que Bergson chama à atenção, e que, inclusive, dá nome ao presente capítulo, é o caráter regulador do riso. A sociedade espera do ser uma adequabilidade social. Tensão e elasticidade como forças complementares, não uma rigidez. A sociedade teme que seus membros, sem o equilíbrio das forças acima

mencionadas, tendam a se afastar de determinado eixo social no qual gravita. Aí a necessidade de contensão desses desvios, que se dá no cômico e no riso.

Assim, toda vez que o indivíduo se torna momentaneamente rígido, será regulado, punido com o riso, na tentativa de resgatá-lo para a adaptação social. Nesse sentido, convém citar o trecho abaixo:

Não lhe basta o acordo estabelecido entre as pessoas, ela deseja um esforço constante de adaptação recíproca. Toda rigidez de caráter, de espírito, e, mesmo, do corpo, será, portanto, suspeita à sociedade, uma vez que pode ser o sinal de uma atividade que adormece e, também, de uma atividade que se isola, que tende a se afastar do centro comum ao redor do qual a sociedade gravita, de uma excentricidade, enfim. Nesse caso, no entanto, a sociedade não pode intervir com uma repressão material, uma vez que não é atingida materialmente. Ela se vê em presença de algo que a preocupa, mas apenas enquanto sintoma, - quase uma ameaça, no máximo um gesto. O riso deve ser algo desse gênero, **uma espécie de gesto social** (BERGSON, 1900/2018, p.44-45, grifo nosso).

O riso, portanto, nessa acepção, é um elemento sutil de repressão social, pois constitui em arma para que a sociedade regule o indivíduo, seja no seu caráter, na sua alma ou até mesmo em seu corpo, não admitindo rigidez ou a firmeza de um comportamento, ação ou ideias que fujam da norma social. O medo social das excentricidades, traduzida aqui como rigidez mecânica, faz com que os membros da sociedade reprimam tais automatismos. “Essa rigidez é o cômico e **o riso é a correção**” (BERGSON, 1900/2018, p.45, grifo nosso):

Alguns minutos depois de tocado o sinal, a professora entra na classe, toda afobada, coloca o material em cima da mesa, gira o corpo para dar início à aula, quando pisa em falso e leva o maior tombo.

Tenta levantar-se rapidamente, ajeita a saia e com um sorriso sem graça, brinca:

- Vocês viram a minha ligeireza?

E o Joãozinho:

- Vimos sim, professora! Só que a gente conhecia isto por outro nome!

A piada acima traduz uma denúncia à professora, punição, por assim dizer, para que retorne ao alinhamento social, pois ela imaginou ter uma elasticidade surpreendente a ponto de sua queda e momentânea rigidez social não ter sido devidamente notada. O cômico é inconsciente, como já dito. É preciso, pois, que a segunda pessoa componente da cena cômica revele o que está encoberto para a primeira pessoa, que é objeto do cômico.

Um outro exemplo dado por Bergson de aspecto risível do existir, por seu caráter de inflexibilidade e desajeitamento, e, portanto, passível de ser regulado socialmente, é a moda. Sim. Uma pessoa que se veste com roupas que há muito não circulam em lojas e nos meios sociais será velada ou explicitamente convidada a estar de acordo com a moda atual.

Fala-se aqui inclusive de modas transitórias, dessas que vem e que vão. Mesmo elas são passíveis de punição social. Imagine-se usar uma peruca branca, típicas do século XVII, por exemplo. Será risível. E aquele que, inadvertidamente, a estiver usando, será regulado socialmente para voltar as condições de maleabilidade:

É o caso, por exemplo, da cartola. Por outro lado, pense num excêntrico que se veste hoje como antigamente. Nossa atenção se volta para as suas roupas, as distinguimos absolutamente da pessoa, diremos que a pessoa se disfarça (como se toda roupa não fosse um disfarce) e o aspecto ridículo da moda passa então das sombras à luz (BERGSON, 1900/2018, p.53).

Uma anedota, veiculada nacionalmente pelo humorista Lírio Mário da Costa, o Costinha, dá conta de exemplificar o quanto de cômico há na moda:

Um estilista, avesso a qualquer tipo de religiosidade, nunca tinha posto os pés numa igreja, nem se interessava por nada litúrgico. Por muita insistência do namorado, um dia foi à missa. Ficou encantado com a decoração do lugar e com as vestes do padre, quando passou perto dele balançando um turíbulo esfumaçante. No final da missa, não aguentou e foi falar com o sacerdote:  
- Olha, adorei o teu vestido, mas essa tua bolsinha está fora de moda.

Pode-se inclusive, a esta altura, se fazer uma reflexão acerca de como, hoje em dia, são tratadas as pessoas que, por pobreza ou mesmo por desejo, se vestem de determinada forma fora do padrão social aceitável. Não é preciso nem usar uma “cartola”. Basta usar um penteado, uma roupa ou sapato excêntrico para que a regulação aconteça. São sumariamente ridicularizadas, com risos ou não.

Outro exemplo dado por Bergson são as pessoas com alguma deformidade física. Ele separa as deformidades que a natureza orientou na direção do risível, ou seja, com as características cômicas: rigidez, mecanicidade e repetição, das demais deformidades. Conclui que será cômica, enfim, toda deformidade de que se pode imitar:

Não seria por isto que o corcunda parece um homem que tem má postura? É como suas costas tivessem adquirido um mal hábito. E, por obstinação material, por rigidez, ele tivesse persistido no hábito contraído. Procure ver

apenas com os olhos. Não reflita e sobretudo não raciocine. Esqueça-se do adquirido; busque a impressão ingênua, imediata e original. Será justamente uma visão deste gênero que você encontrará. Terá diante de si um homem que quis se enrijecer em uma determinada atitude, e, se podemos assim dizer, fazer careta com o próprio corpo (BERGSON, 1900/2018, p.46)

Com esse exemplo, se pode fazer ideia do quanto o riso social pode ser doloroso para as pessoas que por má sorte têm algum tipo de deformidade. Detalhe: não é muito difícil imitar um defeito físico; para isso, sempre haverá um pândego para proporcionar a imitação. Logo, a punição social com o riso, nesse caso, não tem função alguma, posto que a maioria das deficiências físicas são permanentes. Assim, o riso como regulador social, não teria o poder de reconduzir a pessoa a sua maleabilidade, sua graça, sua plena vitalidade.

O riso, quando surge, nessas condições parece para ir muito além de um regulador ou modelador social. Assume um ato moral na direção de quem se ri, tornando-o vítima de exclusão. Em fragmento do texto publicado em 2005, no *XXIII Simpósio Nacional De História – Londrina*, em que trata da regulação social pelo riso na cidade de Fortaleza (1850-1900), o professor Marco Aurélio Ferreira da Silva tem um entendimento bem abalizado sobre o tema:

Todos aqueles que, de alguma maneira, inobservaram as formas de comportamentos considerados lícitos de uma sociedade, eram alvos do cômico e seu efeito, o riso. Este riso não era da irreverência, do riso alegre e da zombaria, da forma de subverter o duro cotidiano do trabalho, de criticar uma dada realidade, que não se aceita, criando um oposto de vida; mas do riso provocado pelas condutas impróprias e fora de contexto. Quer dizer, um "riso de exclusão" para manter ou impor a ordem (Silva, 2005, p.6).

Este gesto social, essa correção, o riso, como diz Bergson, nessas condições se aproxima do riso da sátira proposto por Espinosa. O filósofo holandês tratou das paixões tristes como algo que decompõe o ser. Em um fragmento do texto *O riso ético: opções deleuzianas pela alegria*, o escritor Daniel Santos da Silva, traz a ideia de riso satírico de Espinosa:

Contudo, em certo momento, Espinosa fala daqueles que riem dessa "condição humana", e podemos então nos perguntar como esse riso pode ser identificado ou aproximado a uma paixão triste, em outras palavras, como pode o riso não provir da alegria; este é o riso da sátira, que carrega por trás de si uma ignorância notável das coisas e do homem como realmente são e ao mesmo tempo sustentam um ideal de homem e de natureza – ideal que, já Espinosa mostra, não é inocente, e que Nietzsche minuciosamente destrincha mostrando o quanto de má consciência (sentimentos reativos) e

vontade de potência aí se envolvem. Por trás, pois, do riso zombador do tipo escravo, está um desejo infinito de dominação do outro (SILVA, 2014, p.240).

Podemos concluir, pois, que o riso como regulador social, o riso sático, numa linguagem espinosista, é um mau encontro que gera afetos tristes, na medida em que há uma decomposição dos corpos, um constrangimento, um obscurecimento do conhecimento daquele que se encontra com o riso sático.

Espinosa lembra ainda que: [...] “Se uma coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de agir de nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de pensar da nossa mente” (Espinosa, 2016, p. 106). Logo, um encontro com o riso regulador, sático, vai inevitavelmente refrear e diminuir a potência do ser como um todo.

Considerando tudo o que foi construído até aqui, tem-se que o riso é efeito do cômico e só há comicidade dentro do que é propriamente humano. Há elementos que constitui o cômico, como a inteligência pura e a indiferença, a sobreposição do mecânico sobre o vital, a rigidez mecânica e o caráter de exiguidade do tempo para caracterizar o cômico.

Discutiu-se acerca da diferença entre cômico e o chiste, sendo que ambos têm como efeito o riso. O cômico para se instalar, necessita de apenas duas pessoas, o objeto cômico e quem observa a cena cômica. O chiste precisa de três pessoas: de quem se faz o chiste, quem faz o chiste e para quem se conta o chiste.

Tratou-se ainda do riso como regulador social, no sentido de restituir a maleabilidade e graça à pessoa que momentaneamente a perdeu. Da coação a permanecer no padrão socialmente aceito, em detrimento da violação da liberdade individual. Da ineficácia do riso, com regulador social, no tocante às deformidades. E do riso sático como constrangedor e diminuidor de potência.

No próximo capítulo, discutir-se-á a importância da função do humor e do riso como desmoralizantes de autoridades, internas e externas, na medida em que destituem o poder daquilo que fixa e paralisa o ser nas relações consigo mesmo e com os outros.



### 3 O PODER DO HUMOR: O RISO COMO DESTITUIDOR DE AUTORIDADES

Nesse capítulo trataremos do humor como destituído, desmoralizador de autoridades. Para tanto, faremos agenciamentos com a filosofia e com a psicanálise, assim como conexões com a literatura, que, como iremos notar, é uma potente fonte de recursos para se atingir o fim a que se propõe.

Primeiramente, contudo, é mister que se esclareça a ideia de humor, que se distingue, pelo menos teoricamente, das ideias de chiste e cômico, esses dois últimos já tratados no capítulo anterior. Freud, apesar de reconhecer que o humor se funde, às vezes, com o chiste e o cômico, consegue distingui-lo:

O humor é, afinal, um meio de adquirir prazer apesar dos afetos dolorosos que o dificultam; ele age como um substituto desse desenvolvimento dos afetos, ele se coloca no lugar deles. A condição para ele é dada quando acontece uma situação em que, por força dos nossos hábitos, somos tentados a liberar um afeto doloroso, mas outras motivações agem então sobre nós, reprimindo esse afeto *in statu nascendi*. Nos casos em que acabamos de apresentar, a pessoa atingida pelo dano, pela dor etc. adquire prazer humorístico, ao passo que a não envolvida ri de prazer cômico. O prazer do humor surge então – não podemos dizer outra coisa, à custa dessa liberação reprimida de um afeto; ele brota de um *gasto afetivo economizado* (Freud, 1905/2017, p. 323-324).

Ao contrário do chiste e do cômico, o humor necessita de apenas um elemento (pessoa) para completar seu processo. A pessoa envolvida obtém satisfação com o deslocamento para longe da geração do afeto doloroso, ou seja, se distancia do afeto que causa dor. Uma pessoa de fora – um segundo elemento – que ri dessa manifestação humorística tem um prazer cômico, mas é totalmente dispensável para a efetivação do humor.

Freud também explica porque há tantas variações de humor, conforme exemplos de situações humorísticas que fornece, como a do condenado à morte que, minutos antes da execução diz: “a semana começou otimamente” ou o de outro sentenciado que, caminhando em direção a seu calvário, em um dia de frio, pede um cachecol para se proteger do resfriado:

As variedades do humor são extraordinariamente diversas, conforme a natureza da emoção que é economizada a serviço do humor: compaixão, raiva, dor, enternecimento etc. Essa série parece inclusive interminável, pois o reino do humor está sempre se ampliando à medida que o artista ou o escritor consegue dominar humoristicamente emoções até então indomadas,

tornando-as fontes de prazer humorístico por meio de artifícios como os dos exemplos anteriores (Freud, 1905/2017, p. 329).

Então, por essa lógica de economia de emoções, no sentido de deslocar afetos desagradáveis para situações risíveis, obtendo-se prazer com esse recurso psíquico das mais variadas formas, a pessoa envolvida em um ciclo humorístico está inserida, na verdade, em processo defensivo. Freud explica:

Os processos defensivos são os correlatos psíquicos do reflexo de fuga e têm a missão de impedir o surgimento de desprazer a partir de fontes internas; ao perseguir essa missão, eles servem ao funcionamento psíquico como regulação automática, que, porém, termina por se revelar nociva e tem de ser submetida ao domínio do pensamento consciente.... O humor pode se ser compreendido agora como a mais elevada dessas operações defensivas (Freud, 1905/2017, p. 329).

Portanto, o humor parece ser a categoria na qual mais facilmente se obtém satisfação, pois depende apenas de um elemento envolvido. Essa pessoa obtém satisfação, independentemente de terceiros. Importante também repisar o caráter deslocado do efeito humorístico, seu aspecto da economia das emoções, suas múltiplas variedades de ocorrência e, por fim, o processo defensivo que o envolve. O poema de Mário Quintana é bom exemplo do que se fala:

**Poeminho do Contra**

Todos esses que aí estão  
Atravancando meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!  
(MÁRIO QUINTANA, VOL 41, p. 70. 2014)

Nota-se, nesse pequeno, mas nada prosaico poema, uma resistência às forças contrárias que impedem a caminhada do sujeito. Com graça e humor, retirando o sentido original das palavras por meio de outros significantes, numa espécie de esquizofrenização do verbo, o poeta consegue passar sobre “eles” voando, desprovendo-lhes do poder de obscurecimento e fixidez.

As anedotas, com seu sarcasmo, desobediência moral, ironia e impudicícia servem bem, por sua vez, para destronar autoritarismos, preconceitos e idealizações:

Um homem de meia idade, por voltas dos 45 anos, chega de uma viagem de bicicleta em Brasília e estaciona seu veículo na porta do Congresso Nacional. Em segundos um segurança se dirige a ele dizendo:

- Não pode deixar sua bicicleta aí. Os congressistas vão passar.
- O homem responde com firmeza:
- Não se preocupe. Coloquei o cadeado.

Nesse caso, poderíamos retomar os ensinamentos de Freud sobre o humor. O ciclista fez uma economia psíquica ao sair de um lugar de desfavorecimento, uma vez que foi ordenado a não atrapalhar a passagem dos congressistas, para um lugar de acusador, posto que insinuou que os parlamentares, com toda sua autoridade e foro privilegiado, pudessem roubar sua simples bicicleta.

Dessa forma, criou-se uma situação cômica com esse deslocamento, se defendeu da austeridade sofrida e gerou uma satisfação para si, um prazer próprio. Em verdade, o ciclista destituiu duas autoridades: uma, presente ou atual, o segurança; a outra, “ausente” ou virtual, os políticos.

Analisar o humor, o cômico e o riso como função desmoralizante de autoridades, externas e internas, é uma tarefa importantíssima na vida cotidiana, na medida em que se destitui do poder aquilo que paralisa e fixa o sujeito nas suas relações consigo mesmo e com o outro. O humor não encontra pudores em sua missão:

- Nos anos 90, Bill Clinton e o papa João Paulo II morrem no mesmo dia. Por causa de uma confusão administrativa da organização divina, Clinton é mandado para o céu e o papa para o inferno. Alguns dias depois, quando o erro é percebido, eles são obrigados a trocar de lugar e se encontram rapidamente na porta do elevador que conecta os dois planos. Ao se deparar com Clinton, recém-saído do céu, o papa pergunta e ele:
- Me diz como é a virgem Maria? Estou louco para conhecê-la
  - Clinton abre um sorriso e diz:
  - Sinto muito, papa, mas ela não é mais virgem! (Zizek, 2015).

A anedota lembra o período dos escândalos sexuais envolvendo o ex-presidente norte-americano. Desmoraliza completamente a figura do papa, que foi mandado para o inferno por engano. Logo ele? E ainda desmitifica a figura da virgem Maria que, histórica e inconcebivelmente, concebeu sem ter tido relações sexuais, até então!

Quando se fala em função desmoralizante do humor, se deve levar em conta os aspectos éticos envolvidos. Pode-se arriscar um paralelo entre autoridade/moral e humor/ética, na medida em que, enquanto a autoridade hierarquiza, o humor destitui; enquanto a autoridade castra, o humor liberta; enquanto a autoridade paralisa, o humor transforma; enquanto a autoridade reduz, o humor amplia; enquanto a autoridade repete, o humor diferencia.

Não levar a sério uma autoridade, uma voz dentro de si, ou fora dele, é função do humor, quando essa voz determina o desejo, limita o querer, impõe regras, estipula limites, institui o sagrado, estabelece o crível e incrível, decreta o possível e o impossível, o certo e o errado e constrange a potência do ser. A autoridade, portanto, é moral; o humor, ético.

O humorista brasileiro Chico Anysio parecia saber disso: “O humor é irmão da poesia, o humor é quem denuncia, eu não tenho possibilidade de consertar nada, mas eu tenho a obrigação de denunciar tudo, o humor é tudo, até engraçado (REV. CONTEMPORÂNEA, 2012).

Falando em poesia, nunca é demais citá-las, ainda mais quando guardam séria conexão com os textos acadêmicos, como é o caso da obra de Manoel de Barros. Sua forma peculiar de “desver” e de “transver” o mundo, desmonta estruturas racionais (autoritárias de nascença), aparentemente sólidas e inverte a lógica moral estabelecida. Em dois momentos, melhor dizendo, em dois acontecimentos poéticos, o autor de *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, nos envolve com sua esquizofrenia literária:

#### **Poema**

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.  
 Meu fado é o de não saber quase tudo.  
 Sobre o nada tenho profundidades.  
 Não tenho conexões com a realidade.  
 Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.  
 Para mim, poderoso é aquele que descobre as  
 Insignificâncias (do mundo e as nossas).  
 Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.  
 Fiquei emocionado e chorei.  
 Sou fraco para elogios (Barros, 2001, p.19)

#### **Infantil**

O menino ia no mato  
 E a onça comeu ele.  
 Depois o caminhão passou por dentro do corpo do menino  
 E ele foi contar para a mãe.  
 A mãe disse: Mas se a onça comeu você, como é que o caminhão passou  
 por dentro do seu corpo?  
 É que o caminhão só passou renteando meu corpo  
 E eu desviei depressa.  
 Olha, mãe, eu só queria inventar uma poesia  
 Eu não preciso fazer razão (Barros, 2001, p. 29).

No primeiro, *Poema*, o autor trata de desconsiderar aquilo que grande parte das pessoas acredita ser eminente, valioso, caro, inestimável, como o ouro. Mas bem que poderia ser, no lugar do metal precioso, um alto cargo jurídico/administrativo, um

agraciamento público e notório, um mandato político, uma boa soma de dinheiro etc. Mas não. A inversão de valores, do insigne para o ínfimo, do ilustre para o reles, é que se revela como algo desmoralizante e destituído. O resto assume papel importante nesse contexto. A moral se queda aos versos.

No segundo poema, *Infantil*, o poeta, deflagradamente, usa a imaginação de menino para destituir a autoridade racional do adulto que, por exigências da realidade – e aqui não se fala em realidade psíquica, mas na mais pobre das realidades, que é a que se sustenta em imagens – não aceita que o menino só queria fazer poema. Ele não queria produzir nenhum significado racional. A razão é aprisionadora e moral. A poesia é libertadora e ética.

Falando em liberdade, necessário fazer um pequeno resgate histórico do humor no regime de exceção, com o intuito de enriquecer o trabalho e fazer recordar tempos de horrores no Brasil, onde o humor se tornou ferramenta de resistência à ditadura civil-militar no Brasil entre 1964 e 1985. É justamente durante o clímax do autoritarismo que podemos ver com clareza a função do humor como ferramenta de destituição de autoridades, de como o humor é um vetor ético de resistência ao presente.

Um bom exemplo dessa manifestação de resistência por meio do humor contra o autoritarismo, face extrema da autoridade, ocorreu durante alguns anos da ditadura civil-militar brasileira. Tratava-se de um periódico, um jornal com textos e imagens gráficas, que criticavam e denunciavam as arbitrariedades do regime político vivido. Era o *Pasquim*.

No texto *o humor como resistência ao controle social autoritário no Brasil pós-1964: reflexões sobre a imprensa alternativa*, Diógenes Arruda Ferreira trata do assunto. O fragmento abaixo resume um pouco do que foi *Pasquim* e como contribuiu no movimento de resistência:

Essa é uma característica que se apresenta com grande força no humor de oposição utilizado no período de 1969 até 1974 pelo jornal *O Pasquim*. Além das críticas através da ridicularização, o riso provocado pelos trabalhos humorísticos desencadeava um efeito de catarse sobre as pressões e medos desenvolvidos dentro de um regime que passa a utilizar o terror como forma de controle. O que, no caso do *Pasquim*, se apresentava numa interessante dialética entre o Medo estatal e o Humor de oposição. Posto que o uso do medo como ferramenta de controle social a serviço do Estado militar era o principal alimento para a criação das obras humorísticas publicadas no jornal, **que diluíam o efeito do terror na construção do riso** através da ridicularização de elementos do aparato repressivo, que, em contrapartida,

utilizava ações cada vez mais hostis contra o jornal, culminado na prisão dos membros da redação em 1971 por três meses (Ferreira, 2009, grifo nosso).

Aqui não foi possível a destituição real de autoridades, posto que se tratava de uma ditadura que prendia, torturava e matava seus opositores e críticos. Mas ao menos, como diz o autor acima mencionado, o efeito do terror era diluído com o humor e com o riso, objetos dessa resistência, efetuando uma destituição simbólica dessas autoridades, reduzidas a traços ridículos apesar de sua arrogância cotidiana. Com certeza, dias mais amenos – dentre tantos dias terríveis – foram possíveis graças ao empenho dos criadores do periódico.

No mesmo período de exceção, a música *Esse é um país que vai pra frente*, produzida a serviço do regime, e cantarolada pela banda nacional “Os incríveis”, recebeu uma interpretação inusitada do cantor, músico e humorista Juca Chaves, crítico ferrenho do governo à época:

Este é um País que vai pra frente.  
 Ou, ou, ou, ou, ou.  
 De uma gente amiga  
 E tão contente.  
 Ou, ou, ou, ou, ou.  
 Este é um País que vai pra frente.  
 De um povo unido.  
 De grande valor.  
 .... (letras.com.br, 2019)

O curioso, cômico e risível da interpretação da música era que, à medida que tocava os primeiros acordes do violão e pronunciava o primeiro verso da música, que coincide com o título da composição, o cantor dava passos para trás, num gesto claro de insubordinação e de oposição crítica ao que era expresso na canção.

Pode-se, inclusive, retomar Bergson para dizer que o comportamento do artista acima mencionado tem os elementos do cômico: uma sobreposição do automatismo sobre o vital, uma espécie de emperramento maquinal – deveria ir para frente, mas, de forma mecanicamente inadequada (inadequação conforme a letra da música, claro), vai para trás. Aqui, o efeito cômico é produzido de propósito, logo se aproxima da categoria do humor, pois o artista, com certeza, sentiu satisfação ao cantar a música e dar passos para trás.

Ainda falando desse período, um episódio lembrado por Daniel Kupermann é bem vindo ao presente texto. O ato humorístico, em sua dimensão política, pode ser

comparado a um ato de denúncia a toda idealização desmedida das figuras de autoridade, atingindo em cheio a constituição do superego tirânico (KUPPERMANN, 2003, p.190). Trata-se de um exemplo de como o humor pode ser um ato de resistência política:

Irresistível contar ainda um episódio ocorrido durante a ditadura militar na Universidade do Brasil, atual UERJ. Tendo a reitoria sido invadida pelos alunos durante uma greve, o governador do estado ordenou que a polícia militar invadisse a universidade para por fim à anarquia reinante. Apesar de contrariado pela greve, o reitor Pedro Calmon assumiu sua autoridade soberana do campus e foi pessoalmente ao portão receber as tropas enviadas. Lá, dirigiu-se ao comandante nos seguintes termos: “Aqui, esses beaguins da tropa militar não entram, porque entrar na universidade só através de vestibular” (KUPPERMANN, 2003, p.191).

Conta-se que, ouvindo o reitor, o comandante não invadiu a reitoria. Aqui novamente, retomamos Freud para dizer que o ato do reitor, além de provocar uma situação risível, se reveste de uma dignidade e grandeza, próprias do humor, para lidar com a realidade que se apresenta de modo desfavorável. “Como os chistes e o cômico, o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação, que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual” (Freud, 1927/1996, p.170).

O tema desse capítulo também foi objeto do programa *Café filosófico* em 2016, com o título *O humor como saída*, no qual o palestrante foi Jacques Stifelman. O psiquiatra fala, nos primeiros minutos, de quanto pode ser engraçado o Gênesis, primeiro livro da bíblia sagrada. Comenta em tom jocoso, obviamente, “que se trata da primeira transferência de responsabilidade oficial”. (STIFELMAN, 2016).

Veja-se o que o fragmento do “texto sagrado” diz sobre quando Deus, autoridade única e suprema do paraíso, vai questionar Adão e Eva acerca dos motivos que os levaram a desobedecer suas ordens e comer do fruto proibido:

Então, Deus o questionou: “E quem te fez saber que estavas nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer?” Replicou o homem: “Foi a mulher que me deste por auxiliadora; ela me deu do fruto da árvore e eu comi.” Ao que o SENHOR Deus inquiriu à mulher: “Que é isso que fizeste?” Redarguiu a mulher: “A serpente me enganou e eu comi”(bibliaportugues.com, Gênesis, 3, 11-13).

Obviamente, como se sabe, a transferência de responsabilidades não funcionou. Deus castigou os dois expulsando-os do paraíso, e os colocando para

lavar a terra com a qual foi formado o Jardim do Éden. Os personagens bíblicos, ainda que conscientes dos seus destinos, ousaram desafiar os questionamentos de Deus em tom espirituoso. “O humor tenta retomar uma gotinha do paraíso perdido com único jeito que ele pode, que é enganando as autoridades” (STIFELMAN, 2016).

Assim como o humor funciona para destituir autoridades externas, da mesma forma serve à destruição de autoridades internas. Transcrevendo uma das falas do palestrante, nota-se bem o que quer se dizer:

Uma maneira de destituir a nossa autoridade... Por exemplo, a minha mulher está fazendo alguma coisa que minha mãe não gosta. Minha mãe não está, mas os representantes dela dentro de mim estão todos. Então minha mulher começa a fazer algo e minha mãe não gosta: minha mãe está dentro de mim. Minha mãe começa a falar: “que mulher desgraçada, hein?!” O que acontece: eu tenho que dizer pra minha mãe pra ela não levar minha mulher a sério, e dizer pra ela: “mas, pô mãe, tu também é chata como cão! Deixa minha mulher em paz!”, que quer dizer me deixa em paz. Se não, a gente leva a sério... eu já fiz isso, já levei a sério minha mãe, e já mandei um monte de gente longe (STIFELMAN, 2016).

Duvidar da soberania das autoridades internas que habitam nossa mente – que são muitas – é um passo importante rumo à saúde psíquica. Questionando-se essas autoridades que atrapalham o viver, fazendo uso do humor, não as levando tão a sério, não as concebendo como verdades absolutas, se tem a chance de desmoralizá-las. Desmoralizá-las no sentido de deixar nosso desejo valer sem moralizar condutas, permitir que nosso processo de subjetivação seja o mais ético possível – ou seja, livre, singular, inventando seus próprios modos e sem subordinar-se a nenhum modelo.

Sobre as autoridades internas, a piada envolvendo a tradicional, bipolar, dicotômica e eterna contenda entre bem e mal, exemplifica, reduzindo a duas, essas inúmeras autoridades que coabitam em nós:

Conta-se que Sharon Stone foi visitar o papa João Paulo II no auge de sua forma física, no mesmo ano que gravou Instinto Selvagem – quem assistiu ao filme não esquece da cena estonteante em que a atriz executa uma cruzada de pernas. Estava sem calcinha. Bom, o papa entrou para recebê-la e ela já estava posicionada em uma cadeira na frente do trono papal – sem trocadilhos, por favor. Quando João Paulo II sentou em seu lugar, Stone só deu tempo do velho se acomodar. Repetiu a cena da película acima citada, cruzando as pernas, sensualmente. Nesse momento, surgiu um anjinho, obviamente no ombro direito do papa, dizendo em tom censurante: “papa João, papa João!”. Em contrapartida, do outro lado, o esquerdo, um diabinho aparece, com uma proposta diferente, em tom convidativo: “papa, João, papa!”



A ironia compareceu no café filosófico ora analisado. Afirma-se que, como uma faceta do humor, ela ocupa lugar de destaque nesse processo de desmoralização de autoridades, pois faz com que a pessoa tenha um certo alívio ao fazer uso dela em determinadas situações de repressão. O filósofo dinamarquês, Søren Kierkegaard, tem uma obra a respeito do conceito de ironia – sua dissertação de mestrado. Em texto acadêmico, Solon José da Cunha Saldanha discute esse conceito proposto pelo filósofo nórdico:

O irônico nunca pode ser simplório, ainda que possa ser sincero. O valor do jogo e seu fascínio vêm do fato de ser possível esconder a seriedade com a brincadeira, ou esconder a brincadeira com tons de seriedade. É a linguagem coberta com roupas e com máscaras. E, quando se desnuda, percebe-se que não diz exatamente aquilo que insinuava enquanto encoberta (SALDANHA, 2015).

A linguagem irônica é sempre ambígua, sempre com múltiplos sentidos e interpretações. Isso se deve, justamente, por seu caráter de colocar em xeque verdades absolutas autoridades instituídas. Tornar o sério em brincadeira e vice-versa é o mote da ironia. Ela não demora muito a revelar-se, como diz o autor: percebe-se logo a que vem. Daí a sua vertente cômica. “Para o pensador dinamarquês ela existe e subsiste sempre na dualidade entre o sério e o jocoso, o real e o ideal, o interior e o exterior” (SALDANHA, 2015).

O indivíduo livre era o indivíduo irônico. A ironia o libertava ao mesmo tempo em que a liberdade permitia a ele ser irônico. Entretanto, o autor destaca que a real validade da ironia está quando ela se limita à justa significação. Mais do que uma manifestação de subjetividade, ela seria instrumento para uma vida de fato humana. Ou seja, a ironia tem paradoxalmente sua força ao ser dominada (SALDANHA, 2015).

Essa retroalimentação entre ironia e liberdade parece ter seus limites. Fazendo-se uso delas em exagero, corre-se o risco de se tornar uma pessoa autoritária, ou seja, corre-se o risco de passar do reprimido ao repressor. Passar para o outro lado, como se diz. Nesse sentido, manifesta-se Rainer Maria Rilke:

Não se deixe dominar por ela, principalmente em momentos sem criatividade. Nos momentos criativos, procure fazer uso dela como de mais um meio para abarcar a vida. Usada com pureza, ela também é pura, e não é preciso envergonhar-se dela. Caso a intimidade seja excessiva, caso o senhor tema essa crescente intimidade com a ironia, volte-se para assuntos grandes e sérios, diante dos quais ela se torna pequena e desamparada. Procure o fundo das coisas: ali a ironia nunca chega. Assim, se o senhor seguir seu

caminho à beira do que é grandioso, pergunte-se também se esse modo de compreender o mundo corresponde a uma necessidade de seu ser. Pois, sob a influência de coisas sérias, ou a ironia o abandonará (se ela for algo ocasional), ou então ela ganhará força (se lhe pertencer como algo inato) e se converterá em uma ferramenta séria, assumindo seu lugar no encadeamento dos recursos com os quais o senhor terá de constituir sua arte (RILKE, 2009, p. 23).

Deve-se usar a ironia com cautela, para não sucumbir à nociva intimidade a que se sujeitam os que fazem usos exagerados dela. É mister usá-la com criatividade, com parcimônia, para lidar com as situações nas quais nos é imposto algum tipo de autoridade descabida.

Toda autoridade admite apenas um sentido, aquele que a direciona para o poder, para a dominação e assujeitamento do outro. Em *Lógica do sentido, décima nona série: Do humor*, Deleuze, faz uma crítica acerca da linguagem. Se por um lado dá-se ênfase nas significações – representadas pela altura, pela transcendência, pela metafísica – que considera absurdas, por outro lado tende-se para as designações – representadas pela profundidade, pelo exaustivo uso de exemplos para explicar determinada coisa – que considera sem sentido.

Que as significações nos precipitem em puras designações que as substituem e as destituem, é o absurdo como sem-significação. Mas que as designações se precipitem por sua vez no fundo destruidor e digestivo, é o não-senso das profundidades como subsenso ou *Untersinn* (DELEUZE, 1974).

A ironia pensada por Deleuze tem um sentido único, o das alturas, conforme o que já exposto aqui. O ironista contumaz tende ao autoritarismo, pois está fora do plano da imanência, à medida que está fixado no plano das significações. Guarda um saber que é incontestado, absoluto, diferentemente do humor. “[...] A ironia é a coextensividade do ser com o indivíduo, ou do Eu com a representação” (DELEUZE, 1974).

Defende, então, o humor como destituído duplo da altura e da profundidade, em proveito da superfície – lugar possível da sabedoria –, fazendo clara alusão à imanência. Sendo assim, rompe-se com a ideia de sentido único, pois o humor não guarda saber, mas se expõe, revelando dois lados. O sentido se dá com o movimento e todo movimento vai nos dois sentidos. Essa via de mão dupla, própria do humor, que destitui profundidades e alturas, restitui o sujeito ao plano da imanência, da superfície.

[...] O humor é o senso e o não senso; o humor é a arte das superfícies, das dobras, das singularidades nômades e do ponto aleatório sempre deslocado, a arte da gênese estática, o saber-fazer do acontecimento puro ou a “quarta pessoa do singular” – suspendendo-se toda significação, designação e manifestação, abolindo-se toda profundidade e altura (DELEUZE, 1974).

Sobre a ironia, ainda, para que não se acuse o autor do presente trabalho de só reproduzir piadas e outros textos desposando autoridades religiosas, santificadas e até divinas, escolheu-se um texto de Machado de Assis. Destacado na Literatura – dentre outros tantos atributos que dispensam comentários – por sua ironia fina em prosa, o poema *O casamento do diabo*, representa não só a desmoralização satânica, como coloca a mulher – detalhe, do século XIX – numa posição de “destaque” para a época:

**O Casamento do Diabo**  
(Imitação do alemão)

Satã teve um dia a ideia  
De casar. Que original!  
Queria mulher não feia,  
Virgem corpo, alma leal.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, com ser humana  
É mais fina do que tu.

Resolvido no projeto,  
Para vê-lo realizar,  
Quis procurar objeto  
Próprio do seu paladar.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, com ser humana  
É mais fina do que tu.

Cortou unhas, cortou rabo,  
Cortou as pontas, e após  
Saiu o nosso diabo  
Como o herói dos heróis.

Toma um conselho de amigo,  
Não te cases, Belzebu;  
Que a mulher, com ser humana  
É mais fina do que tu.

Casar era a sua dita;  
Correu por terra e por mar,  
Encontrou mulher bonita  
E tratou de a requestar.

Toma um conselho de amigo,  
 Não te cases, Belzebu;  
 Que a mulher, com ser humana  
 É mais fina do que tu.

Ele quis, ela queria,  
 Puseram mão sobre mão,  
 E na melhor harmonia  
 Verificou-se a união.

Toma um conselho de amigo,  
 Não te cases, Belzebu;  
 Que a mulher, com ser humana  
 É mais fina do que tu.

Passou-se um ano, e ao diabo,  
 Não lhe cresceram por fim,  
 Nem as unhas, nem o rabo...  
 Mas as pontas, essas sim.

Toma um conselho de amigo,  
 Não te cases, Belzebu;  
 Que a mulher, com ser humana  
 É mais fina do que tu (ASSIS, 1997, P.99).

Nesse ponto da fidelidade imposta à mulher e flexibilizada ao homem, seja ele o diabo ou não, a anedota abaixo coloca a baixo a autoridade marital de forma cômica e desmoralizante:

Um marido volta para casa mais cedo depois de um dia de trabalho e encontra a mulher na cama com outro. Surpresa, a mulher exclama:  
 - Por que chegou tão cedo?  
 O marido, furioso, retruca:  
 - O que você está fazendo na cama com outro homem?  
 E a mulher calmamente responde:  
 - Quem procurou primeiro fui eu – não fuja do assunto! (Zizek, 2015, p.69)

Na sequência, uma outra piada, envolvendo relações extraconjugais, retrata a auto destituição dessa autoridade por parte do marido que, por coincidência, é policial. Um caso de dupla personalidade, digo, *dupla autoridade*:

Um policial volta para casa no meio da tarde e encontra a mulher nua, na cama, nitidamente excitada. Desconfiado de que quase a flagrou com o amante, ele começa a procurar um homem escondido no quarto. Quando o marido se agacha para olhar embaixo da cama, a esposa fica totalmente pálida. Mas, depois de dar um breve sorriso, ele se levanta satisfeito, com um sorriso presunçoso no rosto: “Desculpe, meu amor, foi alarme falso. Não tem ninguém embaixo da cama”, diz o marido, enquanto guarda no bolso algumas notas de cem. (Zizek, 2015, p.46)

Nos dois casos, a autoridade marital tradicional é completamente destituída. No primeiro, pela mulher que, em bom tom espirituoso, humoristicamente, como diria Freud, garante o caráter defensivo do ato contra a situação desprazerosa instalada.

No segundo, o próprio policial/marido troca sua autoridade por um provável suborno insinuado no texto. Aqui, além da perda da autoridade marital há também a destituição da autoridade policial, à medida que aceita propina para se desvencilhar do moralismo de ter de tomar uma atitude diante da traição da mulher.

A autoridade médica, por sua vez, talvez seja uma das mais difíceis de ser destituída. Desde o processo de admissão no curso de medicina, com todas as suas dificuldades, mitos e verdades – só os melhores conseguem, o melhor e mais concorrido curso, quem entra nunca ficará desempregado etc. – até a dificuldade de se questionar um diagnóstico ou um tratamento diretamente com o médico – o que, na maioria das vezes, é feito de forma unilateral e arbitrária.

Uma das poucas profissões nas quais o detentor do apenas título de bacharel já é chamado de doutor; onde a inacessibilidade ao médico é naturalizada e aceita; onde – aqui puxando brasa para a sardinha – às vezes é preciso que um médico “autorize” um paciente a procurar um acompanhamento com um psicólogo – inclusive os planos de saúde que oferecem serviços psicológicos exigem encaminhamento médico para liberar os atendimentos – torna-se difícil escapar de tanta autoridade. Contudo, o humor encontra linhas de fuga nesse sentido:

Um cigano foi examinado por um psiquiatra. Em primeiro lugar, ele explica ao cigano o que é associação livre: trata-se de responder de imediato, com o que vier à mente, à deixa do psiquiatra. Depois o psiquiatra dá prosseguimento ao teste propriamente dito: Ele diz “mesa, e o cigano responde “transar com Fátima”; ele diz “céu” e o cigano responde “transar com Fátima”, e assim por diante, até que o psiquiatra perde a paciência:

- Você não entendeu! Quando eu falo uma palavra, precisa dizer a primeira coisa que lhe vem à mente, o que está pensando.

E o cigano responde calmamente:

- Sim, eu entendi, não sou estúpido; é que eu penso o tempo todo em transar com Fátima (Zizek, 2015, p.119).

Aqui o protagonista da anedota desmoraliza o médico denunciando sua hipostasia, sua naturalização da técnica e arrogância. Ao mesmo tempo que sustenta seu desejo permanente em transar com determinada mulher. Tudo com humor, pois deslocando a situação dolorosa decorrente do preconceito médico, produz sua defesa psíquica.

Neste capítulo procurou-se tratar do humor como destituído de autoridades. Para tanto, foram trazidos conceitos freudianos de humor para diferenciá-lo dos outros elementos formadores do riso. O humor se diferencia do cômico e do chiste por necessitar apenas de um elemento (pessoa) para completar seu processo. Leva em conta o caráter deslocado do efeito humorístico, seu aspecto econômico, suas múltiplas variedades de ocorrência e o processo defensivo que o envolve.

Valeu-se de poemas, de anedotas e de outros recursos para ilustrar de maneira clara como o humor pode ser eficiente para desmoralizar e destituir autoridades internas e externas, buscando-se fazer um paralelo entre autoridade/moral e humor/ética, de acordo com as ideias espinosistas. Invocou-se ainda a ironia e sua relação paradoxal com o humor e autoritarismo.

Fez-se ainda uma retomada histórica da época da ditadura militar e da resistência que se deu por meio de uma das poucas formas, à época, de reação em relação ao regime de exceção instalado: o humor materializado em um periódico.

Nas piadas, nos poemas, bem como no texto, de uma forma geral, buscou-se atingir uma gama variada de autoridades – visíveis ou invisíveis – destituídas ou a serem destituídas: autoridades maternas, políticas, semânticas, policiais, militares, médicas, maritais, divinas, religiosas, satânicas e sagradas.

No próximo e último capítulo tratar-se-á de como o humor e o riso podem contribuir com a clínica psicológica, na medida em que o aspecto humorístico pode ajudar na desidentificação daquilo que nos fixa socialmente e, dessa forma, nos liberar das amarras sociais construídas.

## 4 CLÍNICA E HUMOR: RIR DE SI MESMO

Neste capítulo tratar-se-á como o humor e o riso podem contribuir com a clínica psicanalítica, na medida em que o aspecto humorístico pode ajudar na desidentificação daquilo que nos fixa socialmente e, dessa forma, nos liberar das amarras sociais construídas. Demonstraremos como o humor pode ser uma forma de sublimação, de como se dão os processos de desidealização e de como o rir de si mesmo pode ser terapeuticamente possível. Por fim, apresentaremos um caso clínico que acompanhamos no Estágio obrigatório em clínica na abordagem Esquizoanálise, no qual compareceram algumas manifestações de humor.

De início, novamente é interessante definir as categorias de obtenção de prazer, traçando diferenças fundamentais entre os chistes, do cômico e do humor, para depois nos aprofundarmos na categoria que interessará nesse capítulo, o humor:

[...]Assim, nos chistes o prazer tem origem na economia da despesa com a inibição – que na época está referida ao recalque – já que a piada é uma manifestação do recalcado que se encontra livre para se expressar. No cômico, o prazer deriva de uma economia na despesa com investimento em alguma representação que se mostra supérflua. Finalmente, no humor, o prazer procede de uma economia da despesa com o “sentimento”, isto é, com algum afeto desprazeroso que deixamos de experimentar. O riso, presente em maior ou menor grau nestes processos, é o resultado visível da economia da despesa psíquica, uma vez que a sua condição de possibilidade é justamente o montante de energia psíquica liberada para descarga motora (KUPERMANN, 2003, p. 40).

Todos as três categorias vão atuar na economia da despesa psíquica, ou seja, com a quantidade de energia que foi poupada com a interferências do chiste, do cômico e do humor na obtenção de prazer. No chiste a economia se dá com a inibição, ou seja, aquilo que foi recalcado vem à tona com a piada; consegue-se obter prazer com a liberação do que fora recalcado. No cômico, por sua vez, a obtenção de prazer vem do imaginário, ou seja, daquilo que era esperado acontecer e não acontece. Por fim, no humor, o que é economizado, melhor dizendo, aquilo que permutado, que fica no lugar, é o sentimento, o afeto, que pode ser multivariado: dor, raiva, compaixão, ternura. “A essência do humor é poupar afetos” (MORAIS, 2008, p.118).

Outra forma de caracterizar estas formar de obtenção de prazer é pelo número de pessoas envolvidas nesses processos, seus elementos formadores. No chiste, são necessárias três pessoas: a que produz o chiste, de quem se faz o chiste e para quem o chiste é contado. No cômico, são necessárias duas pessoas: o objeto

do cômico e quem o observa. No humor, basta uma pessoa: aquela que cria a situação humorística para ela própria e que, eventualmente, pode causar prazer em outrem.

De maneira diversa, podemos ainda fazer a distinção das categorias levando-se em conta a linguagem verbal. Para o cômico, pode até aparecer alguma ideia verbal, mas ela não é essencial para caracterizar essa manifestação, pois se dá no registro da imagem, daquela representação imagética inesperada geradora do riso. Já os chistes e o humor se dão no registro simbólico. Uma piada ou um dito humorístico necessariamente devem contar com a linguagem verbal para se dar.

Também, ainda buscando separar as diferentes categorias, tem-se que o cômico tende à universalidade. Uma torta na cara, um escorregão idiota e a consequente queda e riso, estão dentro da esfera do cômico, pois tais eventos encontram ressonância geral. Já o chiste e o humor tendem a serem restritos a determinada fração social, ou seja, dentro de determinado espaço coletivo. “Para rir de um chiste, é preciso ser da paróquia” (LACAN apud KUPERMANN, 2010, p.197).

Uma separação interessante, agora restrita apenas ao humor e ao chiste, reside nos objetivos e lugares psíquicos percorridos por essas categorias:

Enquanto no humor certa quantidade de energia é retirada do eu e transferida para o superego, formando o dito humorístico, no chiste é o eu que é superinvestido pela pressão de conteúdos vindos do inconsciente, produzindo o dito chistoso, numa formação do inconsciente. Em ambos, há a primazia do princípio do prazer, mas têm objetivos diferentes. No primeiro, a intenção é evitar o sentimento doloroso nascente; no segundo, é a busca do prazer na liberação da pressão causada pelo recalque (RIBEIRO, 2008, p.111).

Portanto, a compulsão por fazer piadas pode revelar um ego inflado, pouco tolerante a falhas e com a necessidade de reconhecimento constante, já que o chiste só se completa com a risada do outro. Quando não se ri de um piadista contumaz, ele se sente desapontado, pois seu ego se sente pouco confirmado pelo outro.

Já o humor, podemos dizer que faz oposição com o chiste neste sentido, uma vez que nas situações humorísticas o ego, cuja imagem é um reflexo do outro, é diminuído, sendo que o prazer causado, a priori, só serve ao humorista. Este reconhece sua pequenez existencial ao rir com a vida, ainda que ela se mostre desfavorável. Pelo humor o sujeito vence as agruras da existência, inclusive do seu ego tão precário, imagem entre outras imagens mundanas. É sobre o humor, basicamente, que iremos tratar nesse capítulo.



Sempre quando se pensa na segunda tópica freudiana, o superego é tratado como instância tirânica do aparelho psíquico. Contudo, o superego pode ser pensado como uma forma psíquica benevolente, justamente pela estética que dele se faz, no sentido de esta instância psíquica ser investida em prol do desinvestimento do ego por meio da sublimação, conceito muito valorizado em psicanálise, que se constitui, em linhas gerais, em um destino nobre das pulsões, pois promove uma modificação criativa do ego. “A questão diferenciada que o humor parece acrescentar ao campo do prazer estético é da explícita contribuição feita ao dito humorístico pelo superego” (Freud, 1927/1996).

O humor além de estético é também ético e grandioso, segundo Freud (1927), quando se pode, por meio dele, se ter uma visão de mundo menos idealizada e menos complexa. O humor não é reservado a todos, nem na produção de um dito humorístico, nem para tampouco usufruir dele, ainda que produzido por outrem:

Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso. Não passa de um jogo de crianças, digno que sobre ele se faça uma pilhéria. [...] Ademais, nem todas as pessoas, são capazes da atitude humorística. Trata-se de um dom raro e precioso, e muitas pessoas sequer dispõem da capacidade de fruir do prazer humorístico que lhes é apresentado (Freud, 1927/1996, p.173-174).

Freud faz uma aproximação entre a atitude humorista e a problemática paterna, uma vez que o superego, herdeiro natural das influências familiares no psiquismo, assume lugar de destaque em sua teorização:

Assim, o complexo paterno torna-se central na problemática do humor, o que se faz ainda de modo mais decisivo quando o olhar se volta para a metapsicologia do humorista, isto é, quando se busca entender a atitude do humorista em relação ao próprio sofrimento. A solução freudiana fundamenta-se na demonstração de como é possível a alguém tratar-se a si próprio como criança e, ao mesmo tempo, desempenhar um papel de “adulto superior” em relação a essa criança (KUPERMANN, 2003, p.54).

Seria o superego uma espécie de adulto, não opressor, mas que fosse acolhedor e deixasse o ego livre para se satisfazer? Seria uma espécie de vitória do ego, ainda que sob a proteção do superego? “O humor não é resignado, mas rebelde. Significa não apenas o triunfo do ego, mas também o do princípio do prazer, que pode aqui afirmar-se contra a crueldade das circunstâncias” (Freud, 1927/1996, p.170).

Lembra-se aqui, para ilustrar caráter estético e ético do humor, a estória do condenado que, ao ser encaminhado para a execução, diz: *a semana está começando*

*otimamente*. Recordar-se também de uma carta do próprio Freud quando fora obrigado pelo governo nazista interventor em Viena, a certificar por escrito que não sofrera maus tratos da Gestapo, onde fora obrigado junto com sua filha Anna Freud a prestar esclarecimentos durante horas: *recomendo a gestapo muitíssimo*.

Analisando o contexto, percebe-se que não se trata de um triunfo do ego, mas de uma “[...] afirmação rebelde e teimosa do erotismo e do desejo frente às adversidades do real” (KUPERMANN, 2003, p. 57), já que o humor freudiano é tragicômico, uma vez que não separa vida e morte, não opõe os dois estatutos. “Na percepção grotesca do mundo, vida e morte não se encontram numa relação de oposição inelutável: a morte traz sempre consigo o sentido da regeneração, e a vida, o da transformação, através do qual tudo o que existe será destruído para ser renovado” (KUPERMANN, 2003, p. 57).

[...] o humor é ético porque é afirmação do desejo ante a pulsão de morte; é estético, pois criativo contorna os interditos e causa prazer da ordem da sublimação; e político, pois que é uma forma de desconstrução, pelas beiradas, do poder instituído, para que o sujeito reafirme o seu desejo e restaure o seu direito de existir numa comunidade social. Sem perder a graça! (MORAIS, 2008, p.122).

Esta última citação sintetiza bem o caráter do humor. Sua ética reside na sustentação radical do desejo, um desejo singular, não universal, pois senão estaríamos falando de humor moral, o que não é possível. Sua estética consiste na atitude criativa e bela perante a situações adversas. De forma metonímica, utilizando-se da sublimação, transforma dor, tristeza, ressentimento, ranço etc., em prazer.

Então, como o humor é assumidamente uma atividade desejante e criativa, pode-se encontrar linhas de fuga para não se quedar às incertezas do real, nem se deixar ser absorvido pelas exigências pulsionais, que impõem trabalho. Nesse ponto, a sublimação, como um destino pulsional – uma exigência do Id que implica uma transformação do ego e do objeto –, oferece muitas contribuições ao presente estudo. A respeito da sublimação, existem duas concepções nos estudos psicanalíticos:

A teorização ainda predominante no campo psicanalítico entende por sublimação o processo através do qual as pulsões sexuais substituiriam seu alvo original por outro, dessexualizado, mas adequado às exigências civilizatórias, representado sobretudo pelas atividades artísticas e científicas. [...] Uma outra visada, ainda que presente em constante tensão com a leitura anterior, só ganhará sua significação plena na obra de Freud após as formulações acerca da pulsão de morte a construção da segunda tópica. Nela, o processo sublimatório é concebido como independente do recalque

**como uma saída criativa do aparelho psíquico** na qual haveria uma mudança no objeto da satisfação pulsional, consistindo, portanto, a sublimação **não em uma dessexualização** do objetivo das pulsões, mas na criação de objetos para a satisfação erótica do sujeito que pudessem ser, ao mesmo tempo, partilhados culturalmente (KUPERMANN, 2003, p. 67-68. Grifos nossos).

A segunda ideia de sublimação sustenta que não há oposição entre erotismo e cultura, nem entre princípio de prazer e princípio de realidade, pois a sublimação não seria dessexualizada, mas afirmada pelo processo de simbolização, que é movido pelo erotismo e pelo desejo, e considerada como saída criativa, com a mudança – não a renúncia – do objeto pulsional:

A sublimação deixará, assim, de se caracterizar uma renúncia; ao contrário, onde não houver sublimação, ou onde ela se mostrar impossível, é que surgirá em seu lugar o mal-estar – a angústia mortificadora e, sobretudo, a culpa - alimentado pela renúncia pulsional e pelo potencial mortífero do superego (KUPERMANN, 2003, p. 68).

Para sustentar a hipótese de que a sublimação não constitui uma dissociação entre o princípio de prazer e princípio de realidade, mas sim um elemento criativo e não desvinculado do erotismo, para depois conectar a ideia de sublimação e humor, podemos fazer uma associação entre as teorias de Freud com relação à atividade lúdica da criança:

[...] Freud pretende demonstrar que a atividade lúdica da criança, ao contrário de se opor à realidade, contribui para a própria constituição da realidade, cria um mundo reajustando permanentemente os seus elementos de uma forma que lhe seja prazerosa. Entende-se, portanto, porque a brincadeira é levada muito “a sério” pela criança, que “despende na mesma muita emoção” (idem); o brincar é uma atividade intensamente investida de afetos e libidinizada e, por conseguinte, bastante séria e importante para a criança (KUPERMANN, 2003, p. 89).

Brincar é coisa séria, melhor dizendo, brincar favorece o desenvolvimento de afetos, propicia o aparecimento de processos criativos e mantém o sujeito em contato com a realidade. Nesse sentido, falar a língua do brincar se constitui um forte aliado na consecução dos processos sublimatórios:

**Poeminha em língua do brincar**

Ele tinha no rosto um sonho de ave extraviada.  
Falava em língua de ave e de criança.  
Sentia mais prazer de brincar com as palavras  
do que de pensar com elas.

Dispensava pensar.  
 Quando ia em progresso para árvore queria florear.  
 Gostava mais de fazer floreios com as palavras do  
 que de fazer ideias com elas.  
 Aprendera no Circo, há idos, que a palavra tem  
 que chegar ao grau de brinquedo  
 Para ser séria de rir [...] (Barros, 2010, p. 485).

O que há de comum, nos processos de sublimação, entre a experiência lúdica, a criação artística e, em última análise, o humor, é a presença da realidade erotizada e a não oposição entre princípio de prazer e princípio da realidade, ou seja, integrando realidade e prazer, o humor recria realidades, brincando.

O humor do adulto teria assim, do mesmo modo que a criação literária, suas fontes de brincadeira infantil; mas, mais do que isso, o humor seria a própria atualização do brincar – e, portanto, do infantil – no adulto, e não seu substituto, como Freud por vezes se refere à criação literária. Não há, também, nenhuma indicação de que se trata, no humor, de superar qualquer barreira recalcadora do modo a expor sua fantasia onipresente e partilhá-la com os outros, como é sugerido para o escritor criativo e para o artista em geral. [...] o humor não é alheio à realidade, não cria um mundo próprio, mas, estando em íntima conexão com a realidade, reajusta os elementos do mundo de um modo prazeroso; [...] Assim, como o brincar, o humor é levado muito a sério, quer dizer, é também uma atividade intensamente investida de afetos e libidinizada pelo adulto que a dispõe (KUPERMANN, 2003, p. 93).

Essa integração de realidades proporcionada pelo humor como processo sublimatório faz dele um processo libertador e enobrecedor. [...] O ato humorístico consiste sobretudo em uma desidealização (KUPERMANN, 2003, p.125-126). Faz com que determinadas fantasias que provocam dor e falta se transmutem em algo potente e vital.

“[...] Onde se esperava a angústia de castração, sabe-se o tempero do riso e da irreverência transgressora; onde se esperava a paralisia impotente, irrompe a potência de alegria” (KUPERMANN, 2003, p.126). E, claro, como elemento integrante do humor, deve estar presente o erotismo. “Onde não há heróis, há Eros; esse parece ser o sentido maior do humor e da criação sublimatória que se pode apreender em Freud” (KUPERMANN, 2003, p.126).

O humorista seria o anti-herói, aquele que desacredita estar imune aos infortúnios, que não amaldiçoa o destino só porque este foi de encontro com suas ilusões narcisicamente idealizadas, mas admite e integra todos os acontecimentos da existência, inclusive os hostis.

[...] Assim, onde o herói se rebela contra o destino e o acaso, amaldiçoando-os, o que revela indubitavelmente um predominante mal humor, o anti-herói humorista pode rir das suas idealizações enunciando uma bênção em nome do impossível de se dizer da condição humana (KUPERMANN, 2003, p. 123).

Freud, ao se dedicar quase no final da vida a escrever um texto sobre *O humor* (1927), estaria dando uma contribuição decisiva no sentido de deixar para seus seguidores e estudiosos da psicanálise o que talvez tenha sido o maior dos ensinamentos: o processo de desidealização, e o faz com supedâneo do humor e na teorização do superego esteta.

Assim como o humorista, portanto, Freud se identificaria até certo ponto com o pai e, nesse sentido, o trabalho por ele assumido seria o de promover uma permanente desidealização que pudesse servir de combate à tendência, demasiado humana, de buscar amparo em substitutos imaginários de um pai todo-poderoso, seja através da constituição de um *Weltanschauungen*, seja pela eleição de líderes onipresentes. Se, por ventura, os psicanalistas quiseram tornar-se religiosos, a psicanálise não se apresenta como religião, e seu criador não pretende ser um Deus, Freud parece querer dizer (KUPERMANN, 2003, p. 145).

Combater essa tendência de busca ao amparo metafísico em substituição a um pai todo poderoso só é possível porque a identificação com esse pai não é plena, se se admitir, com auxílio do humor, que pode ser estabelecido um luto em seu nome, luto que pode proporcionar um futuro de possibilidades amplas e um presente mais leve, caso se consiga elaborar essas perdas. Contudo, o processo não é fácil. “A criação sublimatória não é um procedimento que caminha sem dor e sem a possibilidade de realização de um intenso trabalho de luto” (KUPERMANN, 2003, p. 188).

“Até certo ponto” indica uma modalidade identificatória na qual é possível elaborar o luto de um objeto que, outrora, fora imprescindível, reconhecendo-se órfão desse mesmo pai, ao contrário da identificação narcísica que, por meio da perpetuação da sombra de um objeto idealizado, promove os quadros melancólicos (e também masoquistas) caracterizados pelo empobrecimento do sujeito (KUPERMANN, 2010, p. 199)

O humorista, entendido como aquele capaz de produzir humor, é um órfão, desprovido de religiosidade, pois não coloca nas mãos de um pai a sua sorte, tomando pelo pulso o seu destino, não o idealizando. “O humorista-órfão parece ser então aquele que humildemente concorda com o seu pequeno papel que os seres humanos

desempenham no grande mundo e que, assim, pode afirmar a vida e bendizer o acaso” (KUPERMANN, 2010, p. 186).

A desidealização, portanto, era algo pensado e vivido por Freud. Há outros indicativos desse intuito freudiano. Em 1926, Freud publica o texto *A questão da análise leiga*, no qual defende que o exercício da psicanálise não deveria ser restrito aos médicos, promovendo, ao mesmo tempo, a defesa de Theodor Reik, acusado de charlatanismo. Atente-se para o fato de que havia, à época, uma tendência à padronização envolvendo a formação psicanalítica, que Freud era veemente contrário.

A saúde debilitada de Freud – convivia com um câncer em fase terminal – e a forma humorada como ele lidava com esse sofrimento – pelo menos em algumas passagens da sua própria obra – corroboram com a forma desidealizada com a qual enfrentava sua própria finitude. “Uma delas teria sido quando perguntado, nos idos de 1939, se acreditava que a segunda guerra mundial seria a última, teria respondido: minha última guerra!” (GOLDIN apud RIBEIRO, 2008, p. 107).

Na época em que escreveu *O humor*, 1927, também escreveu *O futuro de uma ilusão*, que trata, de forma sintética, do desamparo e da idealização que a todos abatem e que todos tentam escapar a essa condição humana constitucional, por meio da idealização infantil narcísica:

A idealização seria a responsável pela criação ilusória de uma divindade onipotente que poderia nos oferecer proteção, ou de uma *Weltanschauung* (visão de mundo) totalitária, que nos proporcionaria explicações sobre a origem e o fim da vida, bem como estabeleceria os critérios morais da boa conduta, confortando-nos e minimizando o impacto dos conflitos e das incertezas existenciais (FREUD apud KUPERMANN, 2010, p. 195).

Já o mote de *o humor* tem o condão de ir de encontro com esses ideais, tanto religiosos-morais quanto técnico-médico-científicos:

Nesse sentido, o humor e seu trabalho de desidealização se ofereciam como uma ferramenta das mais eficazes para o combate. Seu potencial iconoclasta atinge, de um só golpe, a arrogância tecnicista, que pretende a medicalização dos cuidados do sofrimento da alma, bem como a proibição do pensamento imposta pela idealização religiosa (KUPERMANN, 2010, p. 195).

Assim, o humor e seu trabalho de desidealização se constituem em alternativas potencializadoras contra tudo o que se mostra arrogante, autoritário e moral. Na clínica de orientação psicanalítica é possível um trabalho nesse sentido. O trabalho analítico se dará no sentido de os pacientes perceberem que não devem levar

tão a sério algumas de suas questões e poder rir delas, e, conseqüentemente rir de si mesmos.

Elaborando lutos nesse processo e abrindo novas possibilidades de estar no mundo, de forma criativa e produtiva, se pode posicionar no mundo de forma menos idealizada. “A direção da cura em uma análise não é outra, senão restituir ao analisando a potência criativa embutida no “fragmento da independência e originalidade” do qual é possuidor” (KUPERMANN, 2003, p.195).

Essa potência criativa pode ser catalisada na clínica psicanalítica. Abaixo, algumas referências dessa clínica que, por muitos considerada sisuda e desprovida de qualquer manifestação lúdica, foi retomada com enfoque diverso – entenda-se, com humor – por alguns profissionais:

Gilbert Rose (1969) afirma que o humor no *setting* contribui para o estabelecimento de uma **interação mais livre** entre analisando e o analista, e é parte privilegiada da atitude de “neutralidade compassiva” que deve ser adotada pelo psicanalista de modo a favorecer o estabelecimento de uma relação de confiança e cooperação em análise. Gabriele Pasquali (1986) acrescenta ainda que, com o humor, **podemos sorrir e rir de nós** como somos realmente, em função da atitude benevolente que adotarmos em relação a nós mesmos. Nesse sentido, reitera a importância do humor na clínica. Nasim Yanprei (1987), comentando casos clínicos nos quais a emergência do humor demarcara, para os analisandos, o início de uma **nova visão de si mesmos e dos outros**, observa que as reações contratransferenciais suscitadas no analista pela expressão do humor são bem diferentes daquelas provocadas pelo chiste agressivo ou gozações. [...] Já Ronald Baker (1993) adverte que o “analista distanciado”, **incapaz de sorrir ou de rir empaticamente** com ao analisando, certamente prejudicará seu potencial para a liberdade, e possivelmente, irá traumatizá-lo (KUPERMANN, 2003, p. 252-253, grifos nossos)

Repare-se que em todos os comentários expressos existe alusão ao movimento criativo, seja de modo positivo, com a presença do humor – interação mais livre entre analista e analisando, possibilidade de rir de si mesmo e a criação de uma nova visão de si e do outro – , seja de modo negativo: sem humor não há favorecimento do laço empático entre analista e analisando. Esse fluxo criativo, proporcionado na clínica, tem como operador a benevolência ou amabilidade. Aqui se retoma o aspecto estético do humor por meio do superego.

Todos os autores acima têm Ferenczi como referência. Após abandonar a técnica ativa, o contemporâneo de Freud, tendo em vista a pouca efetividade de seu método, pois ao invés de desconstruir o superego, – o que era seu objetivo – somente substituíu o superego do analisando pelo superego do analista, pois as injunções e

proibições envolvidas no processo contribuíam para tal efeito, tornando o processo inócuo.

Ferenczi pensou, então, na atitude da benevolência, na qual o analista abandonaria o lugar de substituto paterno, sabidamente com tendências repressoras. A benevolência, nesse aspecto, tem mais haver com a função materna. “O que importa destacar, por ora, é que com a mudança da concepção e da função do psicanalista na análise, este deixava de ser um superego a ser incorporado, para desenvolver a capacidade, bastante “elástica”, de acolhimento do seu analisante” (KUPERMANN, 2003, p. 254).

Nesse sentido, a benevolência para com o outro pressupõe a benevolência para consigo. E precisamente no humor o superego se porta de maneira surpreendentemente benevolente para com o ego. A expressão de humor pelo analista implica, portanto, rir com o analisando, nunca do analisando, já que o mais próprio da atitude humorística é a capacidade de rir de si mesmo. Daí, a justificativa para que se encontre, na literatura psicanalista, uma articulação entre a manifestação do humor pelo analista e a benevolência (KUPERMANN, 2003, p. 254).

Essa relação entre as instâncias psíquicas é interessante, pois sendo parte de um mesmo sujeito, ego e superego, este sendo benevolente com aquele, é como se o superego risse para o ego. Em última instância, o sujeito rindo para si próprio ou de si mesmo.

A capacidade de rir de si mesmo que define o humor é índice não apenas do descentramento em relação ao próprio eu, mas também em relação aos ideais reguladores da vida social. Dessa maneira, se todo ato criativo implica a solidão, no humor, em função do trabalho de desidealização que o define, essa dimensão é realçada (KUPERMANN, 2010, p.198).

Esse descentramento do ego também pode ser entendido como desidealização, pois essa relação hierárquica entre ego e superego morre, para fazer nascer uma outra relação, a de um superego benevolente que reconhece a fragilidade e as limitações do ego.

São os humoristas aqueles que captam a fragilidade do homem, seus conflitos, sua finitude, sua dor e seu sofrimento, cravam as unhas no mal-estar, desviam do interdito e dali saem com um dito espirituoso que os faz rir de si mesmos, ou do outro, e faz o outro rir. São eles que revelam nossas contradições, nossas falhas, nossas imperfeições. Através do humor, todo poder constituído é gozado, as teorias perdem sua pomposidade, as religiões, as ideologias mostram sua face frágil e nua. O humor é transgressor! (MORAIS, 2008, p.119)



Os versos de Carlos Drummond de Andrade cuidam do tema, traduzindo bem a natureza limitada da condição humana, a incerteza do amparo e das promessas divinas e a orientação para o humor, não como uma resignação reativa ante os flagelos da existência, mas como linha de fuga ativa frente a eles.

**Coisa miserável**

Coisa miserável,  
 Suspiro de angústia  
 Enchendo o espaço,  
 Vontade de chorar,  
 Coisa miserável,  
 Miserável.  
 Senhor, piedade de mim,  
 Olhos misericordiosos  
 Pousando nos meus,  
 Braços divinos  
 Cingindo meu peito,  
 Coisa miserável  
 No pó sem consolo,  
 Consolai-me.  
 Mas de nada vale  
 Gemer ou chorar,  
 De nada vale  
 Erguer mãos e olhos  
 Para um céu tão longe,  
 Para um deus tão longe  
 Ou, quem sabe?, para um céu vazio.  
 É melhor sorrir  
 (sorrir gravemente)  
 E ficar calado  
 E ficar fechado  
 Entre duas paredes  
 Sem a mais leve cólera  
 Ou humilhação.  
 (Pirolla, 2010, p.121)

A experiência analítica, sem as carrancas de uma prática marcada pela abstinência empática, pode potencializar esse estado humano tão fundamental para a existência. Fazendo uso do humor na clínica pode conseguir alguns avanços terapêuticos. “Através dele, a pessoa afasta-se da dor, reconhecendo, no entanto, a fragilidade humana, sem negá-la” (Ribeiro, 2008, p.107).

Se na neurose o sujeito se mantém preso numa relação dramática com seu sofrimento e na sua maneira de estar no mundo, a experiência analítica oferece uma possibilidade de esvaziamento deste gozo masoquista, através de uma desdramatização narrativa desta seriedade exagerada e fatalista que os pacientes atribuem aos seus males, de modo a se defrontarem de uma outra forma com o imprevisível brotado dos labirintos de seu psiquismo, não se levando tão a sério e podendo confrontar-se com as suas falhas com uma maior leveza, a ponto de conseguirem rir de si mesmos, algum dia. (MORAIS, 2008, p.122).

A proposta analítica baseada na atitude benevolente não se trata, contudo, como se poderia concluir erroneamente da citação acima, de uma negação ou desvalidação do sofrimento do analisando, mas de uma desmistificação daquilo que pode ser desnudado, pela narrativa, no âmbito do imaginário e do simbólico. Não significa, também, que o *setting* analítico se tornará um palco de *stand up*, mas um momento em que ambos, analista e analisando, possam estar abertos a movimentos leves e descontraídos. “[...] O sujeito bem-humorado reconhece com mais facilidade a presença em si de suas vulnerabilidades e falhas” (BIRMAN apud RIBEIRO, 2008, p.111).

Não é uma proposta em que o analista ou o analisando sejam engraçados ou divertidos e, sim, que se outorgue ao humor ou ao chiste o status de interpretação. Esse dom, “raro e precioso”, é a habilidade que o homem, potencialmente, tem, mas só alguns conseguem transformar o drama individual no simples trágico existencial, salvando-se pelo humor; uma constatação de que nada foi sério fora dos nossos campos imaginário e simbólico (RIBEIRO, 2008, p.109).

O ambiente clínico é um lugar privilegiado onde não se deve desperdiçar possibilidades analíticas. O humor não deve ser dissociado dessa superfície. Há que se tomar cuidado com o eventual exagero dessa conduta humorística. “[...] O humor já faz parte das possibilidades clínicas, tirando o analista de uma posição rígida, sem cair, no entanto, no piadista irreverente” (BIRMAN apud RIBEIRO, 2008, p.111).

#### **4.1 O caso clínico**

Nossa paciente, Sandra (nome fictício), com menos de 30 anos, é graduada em Geografia. Os atendimentos começaram há mais de um ano. Atualmente já se passaram mais de 40 atendimentos. A transferência foi estabelecida logo no início. Ela faltou as sessões apenas 2 vezes (uma por doença e a outra porque iria assistir a defesa de TCC do namorado) em todo o período de atendimento.

Sua queixa inicial era “ansiedade patológica”. Tinha pavor de pegar ônibus pois sempre achava que iria acontecer assaltos e, se alguma coisa sinalizava tal ação, descia do ônibus na primeira oportunidade. Já chegou a descer várias vezes de vários ônibus em um só dia.

No decorrer das sessões, a queixa do medo excessivo de assalto a ônibus foi sendo deslocado para outras demandas. Várias outras temáticas surgiram, como

questões de relacionamentos afetivos passados e com o namorado atual, impasses para escrever textos acadêmicos, precariedade na relação de trabalho, falta de dinheiro, necessidade de passar em um concurso público para professor, dificuldades no relacionamento com os pais, sobretudo quando viaja para o interior para visitá-los.

Eu sempre pontuava suas falas em que sua marca desejante se efetivava, como por exemplo quando vencida o medo de assaltos para se deslocar para realização de prova de concursos aos domingos; quando conseguia escrever, ainda que com dificuldades; quando conseguiu entregar um artigo científico em parceria com um professor; quando decidia que não ficaria mais do que dois dias na casa dos pais, pois não fazia bem a ela; quando era bem pontuada em um concurso, quando conseguia fazer algo fora do planejado sem se sentir mal por isso. Depois de algum tempo, passei a ouvi-la mais, sem fazer tantas pontuações.

Atualmente, Sandra não fala mais de suas queixas iniciais. Não traz mais ocorrências de medo de assalto em ônibus e até consegue fazer caminhadas pela rua sem sentir insegurança. Está conseguindo produzir sua dissertação. A produção acadêmica é muito importante para ela. Tem um grande apreço pela academia.

Tem flexibilizado algumas posturas, como as que toma em relação a seus alunos, e aquelas relacionadas à sociabilidade com pessoas que não tem afinidades. Isso a tem ajudado no seu processo criativo de escrita, o que lhe é muito caro. Fala de “emendar” o doutorado, após concluir o mestrado, e está muito feliz com o fato de ter sido aprovada em dois concursos públicos recentemente.

Um dos momentos da análise em que foi possível verificar claramente a utilização do humor para lidar com sentimentos e afetos dolorosos, de forma a extrair algum prazer da situação, foi quando ela falava de um antigo relacionamento no qual desconfiava de uma provável traição. Falou que não podia fazer nada se o seu namorado resolvesse ter experiências sexuais com outras pessoas, e arrematou: *não se pode “desfoder a foda”*.

Ri com ela! Ao mesmo tempo que trata de uma situação que causa algum sofrimento, resolve fazê-lo de forma pitoresca, criando uma sentença jocosa, notadamente libidinal – que denota que o movimento sublimatório não é dessexualizado –, em que se mostra sem domínio diante de fatos que não pode controlar, no caso o desejo do seu companheiro de ter outras experiências afetivas.

Em outro momento da análise, quando eu já estava estudando para produzir o presente trabalho de conclusão de curso, ela falava, com indignação, de

um cenário em que os seus pais queriam que ela se aproximasse de um homem, gerente de banco do município que eles moram, que ela nunca tinha visto, com a finalidade de “casá-la” com ele.

Ela já falou para a família reiteradas vezes que tem namorado, que não está nos planos dela casar no médio prazo e que seu maior interesse é acadêmico. Já tinha me falado essa história duas vezes. Dessa vez, resolvi intervir e disse: *Você não acha isso engraçado, Sandra?* Ela respondeu séria: *Não. Eu tenho é raiva disso.*

Comentei isso na supervisão do estágio à época. O supervisor me perguntou porque eu tinha feito aquela pergunta. Falei que estava ousando aplicar o que aprendera na pesquisa. Que era tão ridícula a intenção dos pais em querer que ela agisse diametralmente em oposição ao seu próprio desejo – que inclusive estava bem claro –, que se tornava risível a intenção dos pais. O supervisor orientou que, como a resposta de Sandra foi no sentido oposto ao que eu esperava, agora eu sabia o que ela não queria: ela não queria rir pois não achava graça da atitude dos pais. Ela tinha raiva da situação. O supervisor asseverou que embora eu estudasse o tema do humor, deveria tomar cuidado em produzir conscientemente minhas pesquisas na análise com a paciente, pois poderia fazer com que a intervenção soasse pedagógica, produzindo nela aquilo que eu desejava escutar. Aquiesci com a orientação.

Contudo, algumas sessões após essa intervenção, Sandra novamente tocou no assunto, dessa vez sem parecer estar zangada, dizendo que viu de longe o seu “pretendente”. Sorriu em alguns momentos em que falava do caso e não parecia se importar tanto com os planos da família para ela. Conseguiu separar o que é dela e o que é da família e agiu de forma mais leve tratando do tema.

Nessa sessão lembrei-me de uma passagem de Freud na qual se tem uma rápida referência ao riso. “[...] Na verdade uma nota de rodapé encontrada no capítulo VI do livro do chiste [...]” (KUPERMANN, 2003, p. 222).

Muitos dos meus pacientes neuróticos em tratamento psicanalítico testemunham regularmente, através do riso, que a análise conseguiu mostrar de maneira fiel, à sua percepção consciente, o material inconsciente oculto, e eles então riem, mesmo quando o conteúdo do que foi desvelado não o justifica de modo algum. A condição para que isso aconteça, em todo caso, é que eles tenham chegado perto o bastante desse material inconsciente para captá-lo depois que o médico o adivinhou e o apresentou a eles (FREUD, 1905/2017, p. 243).

Isso aliado ao fenômeno recorrente na clínica de que o ato analítico, a intervenção propriamente dita, só é conhecida a posteriori, ou seja, não é possível ao

analista conhecer os resultados do ato durante a sessão, posto que não é a ele chancelado tal saber:

A adequação ou a verdade de uma interpretação (ou, em sentido ampliado, de qualquer intervenção psicanalítica) não pertence exclusivamente ao património psíquico do analista, mas é produto de um acontecimento estético que se dá na relação transferencial e que pode ser avaliado por seus efeitos reais e concretos sobre o psiquismo do analisando (KUPERMANN, 2003, p.222).

Em outros momentos em que o riso se deu espontaneamente nas sessões, por parte de Sandra, sob a ótica freudiana acima indicada, poderia sugerir uma forma de apresentação dos efeitos do ato analítico que estejam fora do campo representacional da linguagem por palavras, dando-se ao riso uma importância inusitada. Como se, pego em flagrante, não tivesse palavras para recobrir esta descoberta. “Seu consentimento é expresso pelo riso, mesmo que seu conteúdo não o justifique” (RIBEIRO, 2008, p.109).

Há nesse sentido uma dimensão eminentemente econômica embutida nos efeitos esperados do ato analítico, intensidades que não necessitam, e talvez mesmo não possam ser representadas, como aquelas que são expressas pelo riso, que independentemente dos sentidos que queiramos lhe dar, é antes de tudo um ato que exige, inclusive, a participação do corpo para sua realização (KUPERMANN, 2003, p. 223).

Claro que não há como se comprovar o efeito real do ato analítico nas duas situações descritas, seja no riso de quando falava do pretendente a noivo eleito pela família, seja nas ocasiões de risos esparsos durante as sessões, sugerindo formas não verbalizadas dos efeitos do ato. No entanto, do exposto no decorrer do presente trabalho, ante tudo o que foi teorizado, descrito, explicado e exemplificado, não restam dúvidas acerca da complexidade das categorias de produção de riso e de sua efetividade clínica, o que sugere que, pelo menos, se pare para pensar sobre o tema.

Neste capítulo, finalizando a presente pesquisa, tratamos, a priori, de distinguir em detalhes as categorias de produção de prazer psíquico do humor – o cômico, o chiste e o humor. Visitamos temas caros à psicanálise como os processos sublimatórios, por natureza, criativos, não dissociados do erotismo.

Estudamos a maneira como se dá a desidealização com o pai-todo poderoso e o respectivo trabalho de luto e a conseqüente orfandade nele envolvido. Trabalhamos ainda os aspectos éticos e estéticos do humor, bem como uma proposta

de como rir de si mesmo pode ser terapêutico. Como alegorias, já que se tratava de processos criativos, adornamos o capítulo com textos poéticos que guardavam relação direta com o tema ora tratado.

No fim, expomos um caso clínico baseado em atendimentos semanais no estágio obrigatório, no qual o humor e o riso compareceram na relação entre analista (estagiário) e analisando, e nos quais se supõe, tendo em vista o que foi estudado neste e nos outros dois capítulos, que houve algum efeito real do ato psicanalítico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tratou das categorias de produção do riso: o cômico, os chistes e o humor, dando maior relevo a este último, como fica claro quando da elaboração do último capítulo do trabalho, no qual se aborda questões clínicas. A motivação para a pesquisa se deu em virtude do fato de que o autor recebeu e recebe fortes influências do humor em seu processo de subjetivação, bem como se interessa por questões clínicas, interesse intensificado quando de sua experiência no estágio obrigatório em clínica, na abordagem da Esquizoanálise.

Acredita-se, ainda, que os temas abordados têm impacto social significativo, podendo ser útil à comunidade acadêmica. Prova disso é que não se localizou na UFMA, por meio de pesquisa junto ao acervo bibliográfico disponível no Sigaa, nenhum trabalho acadêmico com a temática do humor associado à psicologia, nem mesmo com o tema do humor.

Ao chegar ao fim do presente trabalho e ao rememorar todo o percurso realizado, percebe-se que, apesar de ter contado com pouco tempo para a sua elaboração, ante outros afazeres familiares, acadêmicos e profissionais concomitantes, e de sofrer um pouco com a produção, pois, vez por outra, a máquina desejante emperrava, o autor reconhece que, em linhas gerais, conseguiu encontrar respostas ao problema de pesquisa e atingir os objetivos pretendidos.

Com relação à questão de como a compreensão do humor como elemento catalisador na clínica psicológica pode contribuir para que o psicólogo aprimore sua escuta e empatia nos atendimentos com os pacientes e, assim, conduza de maneira ética o processo terapêutico, bem como no tocante à questão da maneira pela qual os pacientes se apropriariam desse entendimento para dirigirem seus próprios processos de subjetivação, penso que foi respondido o problema da pesquisa, de acordo com o atingimento dos objetivos específicos propostos, por meio da elaboração dos três capítulos que compõem esse trabalho,

O primeiro objetivo específico – especificar como o riso pode ser um regulador social – pensa-se que foi atingido no primeiro capítulo deste trabalho. Utilizando-se predominantemente as ideias de Bergson, foi possível explicar os motivos do cômico segundo o filósofo francês, sem fazer conexões com as ideias de Freud – o que pode ter sido uma limitação do trabalho –, salvo para diferenciar o

cômico das demais categorias de produção de prazer psíquico abordadas. A partir do que foi exposto sobre o cômico, foi possível definir em que medida o cômico e o riso podem funcionar como regulador social. O riso funciona como uma espécie de punição social àquele que se encontra numa situação na qual o mecânico se sobreponha ao vital, situação cômica, portanto. O objetivo do riso é fazer com que se reestabeleça a vitalidade do ser. Contudo, em algumas situações, não é possível verificar esse retorno à condição vital proposto por Bergson, caso das pessoas com alguma deficiência, que possuem uma rigidez que se assemelham a essa condição de mecanicidade. Para essas pessoas, o riso só funcionaria como um rebaixamento da condição humana, pois seria um riso satírico, de exclusão social. Na clínica psicológica podem comparecer pessoas vítimas desse riso satírico, não só nas condições acima exposta, caso de pessoas com deficiência, mas em qualquer situação na qual o riso aparece como um empobrecimento da potência do ser.

O segundo objetivo específico – analisar como o humor e o riso podem funcionar como destituidores de autoridades – também foi atingido, pois não faltaram exemplos no decorrer do capítulo respectivo de quais são essas autoridades, como agem e qual a arma usada contra as autoridades internas e externas que interferem em nosso psiquismo no dia a dia. Em alguma medida até se abusou um pouco de exemplos – em detrimento do aprofundamento da parte teórica – com piadas e poemas que representavam com fidelidade o que se queria dizer com destituição de autoridades. Nesse capítulo se antecipou um pouco do que seria tratado no capítulo três, falando, de soslaio, do humor como categoria nobre de produção de satisfação psíquica por meio da criatividade. A lógica inventiva de transformar afetos dolorosos em situações humorísticas geradoras de prazer. Tratou-se ainda no capítulo dois de como, à época da ditadura militar, os movimentos de resistência se valeram do humor como ferramenta resiliente. Artistas, cantores, jornalistas e outras personalidades usaram do humor para exprimir suas ideias contra o regime autoritário que se instalara. Abordou-se também sobre a ironia, com toda ambiguidade linguística que carrega, como arma de resistência contra autoritarismos, mas também se deixou o alerta de como a ironia, com usos abusivos e inapropriados, pode estar a serviço do autoritarismo. Nota-se que toda pessoa muito irônica tem tendência a ser reacionária e autoritária. Isso sem falar que, diferentemente do humor, a ironia só admite um sentido, o das alturas, segundo Deleuze, com seu saber de reserva e apartado do mundo.



O terceiro objetivo específico – demonstrar de que modo as pessoas atendidas na clínica psicológica se apropriariam da compreensão do humor, como elemento catalisador da clínica psicológica, para dirigirem seus próprios processos de subjetivação –, também parece atendido, pois tal problemática foi desenvolvida no capítulo três, com um maior embasamento teórico e com forte inclinação clínica, clínica essa importante nos movimentos a favor da subjetivação criativa. Esse capítulo foi o mais difícil de ser escrito, pois não havia diretriz objetiva no projeto de TCC para produzi-lo, a não ser um leve indicativo teórico de que o caminho a ser percorrido seria conduzido pela psicanálise. Também não havia intenção de, a princípio, recorrer a casos clínicos oriundos de atendimentos no NPA, movimento que se efetuou durante a produção textual, após orientação acadêmica. Descobriu-se então que, por meio da psicanálise, há a possibilidade de realizar atendimentos acolhedores, deixando de lado a sisudez carrancuda reivindicada pelos psicanalistas tradicionais, para se ter uma atitude benevolente e mais empática com a pessoa atendida. Ideias como sublimação, desidealização, desidentificação e luto foram decisivas nessa árdua caminhada. O humor é tratado nesse capítulo como saída criativa, ética e estética para transmutar em prazer os infortúnios da existência. Chegar à condição de rir de si mesmo, reconhecendo suas fragilidades, sem com isso se desmerecer ou ter a potência de existir diminuída, parece ser sinal de saúde. O humor, esse dom raro e transgressor, aliado a uma boa prática clínica, pode trazer benefícios terapêuticos sensíveis. O caso clínico apresentado, no que se refere ao presente estudo, é exemplo do que pode aparecer nos *settings* terapêuticos. Uma postura mais aberta em direção a esses movimentos que reivindicam o humor, pode ser um potencializador na busca de operadores clínicos eficientes, não só para psicólogos que atuam na abordagem com orientação psicanalítica, mas para todos aqueles que, por ventura, tenham que lidar com essas situações.

Embora se tenha considerado o problema da pesquisa solucionado e os objetivos da mesma atingidos, se admite que muito mais poderia ser investigado e produzido. Falou-se pouco, por exemplo, sobre o tênue limite entre o trágico e o cômico, aspecto intuitivamente verificado em várias situações cotidianas. Outro ponto que poderia merecer destaque no trabalho seria a oposição entre o riso sátiro, tanto criticado por Espinosa, e a gargalhada beatífica do além-do-homem de Nietzsche, elementos até pincelados no projeto de TCC, mas que não vieram a florescer, não compondo o corpo da pesquisa. Um outro aspecto que mereceria um estudo posterior,

no âmbito psicanalítico, seria a relação das categorias de produção de prazer e riso: o cômico, os chistes e o humor, em relação com os três registros psíquicos propostos por Lacan, o imaginário, o simbólico e o real. Não se propôs trazer esse subtema no presente trabalho, embora se tenha tido contato com o germe da ideia na elaboração do terceiro capítulo. Trazê-lo, significaria aumentar e muito a abrangência do TCC. Não se dispunha de tempo para a empreitada. A matéria é complexa demais para ser tratada de forma breve. Daria uma outra pesquisa acadêmica. Daí sua indicação para trabalhos futuros.

Acredita-se que se cumpriu com os objetivos do presente trabalho de conclusão de curso, mediante os agenciamentos ou conexões entre seus capítulos. Considera-se, também, que aquilo que foi produzido, pode ser relevante para a comunidade acadêmica e socialmente significativo para o público em geral. Admite-se, por fim, como em todo trabalho acadêmico, que alguns pontos importantes ficaram de fora, mas que, devidamente identificados, podem gerar novos e grandes trabalhos.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **O Almada e outros poemas**. Obas completas de Machado de Assis São Paulo: Globo, 1997.
- BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BERGSON, Henri. **O riso: Ensaio sobre o significado cômico**. 1.ed. São Paulo: Edipro, 1900/2018.
- ESPINOSA, Baruch. **Ética**. 2. ed., 5. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2016.
- FERREIRA, Diógenes Arruda. O humor como resistência ao controle social autoritário no Brasil pós-1964: reflexões sobre a imprensa alternativa. **XII Simpósio Internacional Processo Civilizador**, v. 12, 2009.
- FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1905/2017.
- FREUD, Sigmund. **O humor** [1927]. In: \_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XXI.
- GILLES, Deleuze. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.
- KUPERMANN, Daniel. **Ousar rir: Humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- KUPERMANN, Daniel. **Humor, desidealização e sublimação na psicanálise**. Psicologia clínica, v. 22, n. 1, p. 193-207, 2010.
- MORAIS, Marília Brandão Lemos. **Humor e psicanálise**. Estudos de psicanálise, n. 31, p. 114-124, 2008.
- PENSAR CONTEMPORÂNEO. O humor é tudo, até engraçado. **Revista Contemporânea**. São Paulo. 2012. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/OTQxNDgx/>. Acessado em 10/09/2019.
- PIROLLA, Patrícia Rocha. **Humor em poemas: um estudo do cômico em Carlos Drummond de Andrade**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, São Paulo, 2010.
- PIADAS DE QUEDA. Blog Crazyseawolf. Disponível em: <https://crazyseawolf.blogspot.com/2018/07/piadas-de-queda.html>. Acessado em 28/09/2019.
- QUINTANA, Mário. Eu passarinho / Mário Quintana; organização Fabio Weintraub, Fabricio Waltrick; ilustrações Mariana Newlands. – 2.ed. – São Paulo: Ática, 2014.

RIBEIRO, Maria Mazzarello Cotta. Do trágico ao drama, salve-se pelo humor!. Estudos de psicanálise, n. 31, p. 104-113, 2008.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009.

SALDANHA, Solon José da Cunha. **O Conceito de ironia em Kierkegaard**. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq. São Paulo, 2015.

SILVA, Daniel Santos da. O riso ético: opções deleuzianas pela alegria. **Revista Lampejo**. Fortaleza, n.06, fev. 2014

SILVA, Marco Aurélio Ferreira da. CORRIGE OS COSTUMES RINDO”: HUMOR, RISO E VERGONHA NA CIDADE DE FORTALEZA (1850-1900). ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.1378.pdf>. Acessado em 03/10/2019

STIFELMAN, Jacques. O humor como saída. Café filosófico. Acessado: em 20/05/2019. Disponível em: <https://youtu.be/NhN1sWBJFI>.

ZIZEK, Slavoj. **As piadas de Zizek**. 1.ed. São Paulo: Três Estrelas, 2015.